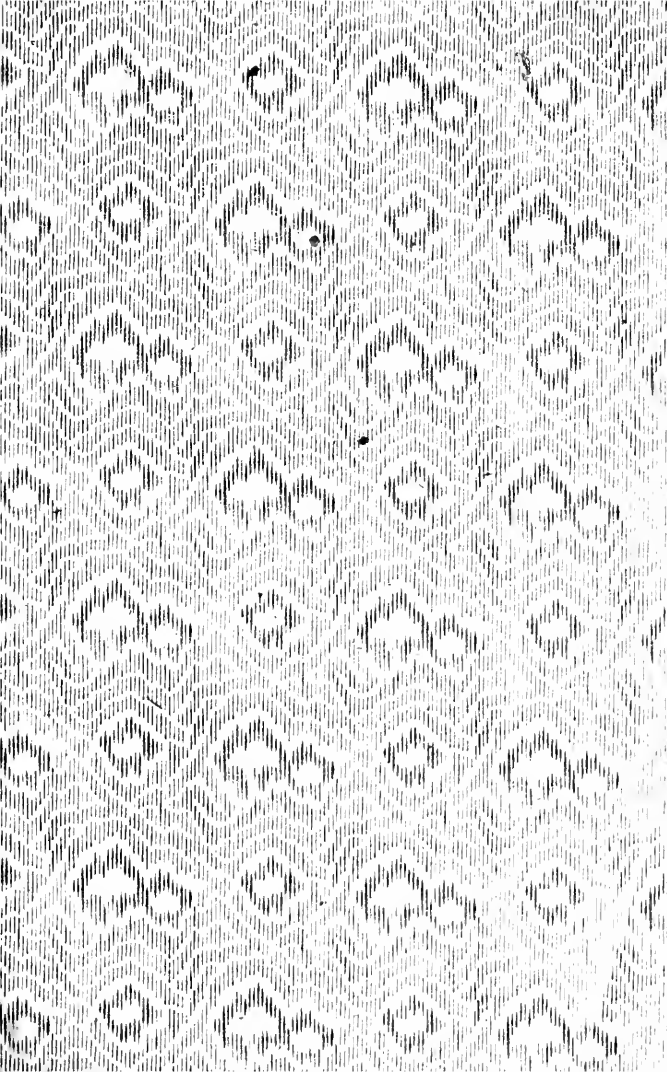




Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton





J. B. ...



ISAAC NEWTON.

Fonles y.

NEWTON
POEMA.

P O R

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

SEGUNDA EDIÇÃO CORRECTA, E AUG-
MENTADA.



L I S B O A :
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1815.

Com Licença.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

DISCURSO PRELIMINAR.

A Fisica, ou alguma de suas partes, he, ou póde ser digna materia da Poezia sublime?

Não para abonar, ou dar preço a este Poema, nem tão pouco para satisfazer classe, ou qualidade alguma de Leitores, me resolvo a tratar o Programa proposto. O exemplo de Hesiodo, de Lucrecio, de Manilio, entre os antigos, bastaria para resolver esta, e outras semelhantes questões; nem eu teria mais que escrever, nem o Público mais que lêr, nem os severos e profundos Aristarcos, que nada escrevem e tudo julgão, mais que notar, ou mais que mordêr. Mas existe huma especie d'Entes, que não ha muitos annos começãõ de assomar nos horisontes da literatura, (talvez para darem materia aos escriptos de algum novo Menchenio), e que só quizerão dar a conhecer por hum nome de sua propria inven-

ção , chamando-se *Quinhentistas* ; que vem a ser , hum enxame de Idólatras cegos , pertinazes , e insupportaveis , que , pondo sobre fantasticos altares alguns homens em quem deo a mania , ou o achaque de escrever , que em todos os seculos foi epidemico , e que escrevêrão no seculo de 1500 da Era vulgar , os adirão como Divinos , e desprezão brutalmente todos os outros que não são elles. Chegão pois com o teimoso frenesim a este extremo : para saberem se hum livro he bom , não se embarção com a materia de que trata , nem com o author que o compoz , tudo isto he para elles de nenhuma importancia : seus estupidos ollios detem-se unicamente na data da impressão , e nome do Impressor. Se o Quinhentista he Italiano , vêse a impressão he de Aldo , ou de Paulo Manucio , se he dos Grifos , se he dos Giuntas , se he dos Giolitas. Se o Quinhentista he Portuguez vai vêrse o Impressor he Gerardo da Vinha , ou Luiz Estupinhan (para os Quinhentistas puritanos os Craasbeckes são já de hum seculo barbaro). Se o Quinhentista he Francez , observa se o Impressor he Cramoisi : se dão com este achado , ei-los em genuflexão ,

nem erguem a cabeça , nem se atrevem a levantar os olhos , só lanção hum enternecido suspiro de compunção amorosa , e dizem --- Aqui está hum Quinhentista !!! Este infernal , ou estúpido fanatismo tem damnado huma grande parte da Literatura , tem tornado estereis os mais ferteis engenhos , que serião grandes se se soubessem avaliar , e conhecer. Este pestilente fanatismo tem creado , nutrido , e engrossado huma seita a quem posso chamar afoito a seita dos *Palavristas*. Correm afégando após huma palavra , hum termo , huma frase de que usasse hum Quinhentista , conservão esta frase como hum thesouro , e sem acabarem jámais com a infantil admiração de hum Quinhentista , não se atrevem a compôr , ou escrever huma só pagina com que mostrem ao Mundo impaciente de os conhecer , que sabem alguma cousa , e isto por temor de que não fallarão , ou escrevêrão como escrevêrão , e fallarão os Quinhentistas. Conheço dois ou tres illusos Grates que não querem lêr em Portuguez cousa que fosse composta depois de 1615 , de maneira que já não póde prestar hum escripto que se compozesse na manhã de 1 de Janeiro de 1616.

Este encolhimento em que vivem os obriga a não conhecerem outros modellos, nem seguirem outras varedas mais que os Quinhentistas. Julgão que se não pôde escrever cousa alguma se primeiro não houver sido tratada pelos Quinhentistas. Segundo estes homens sectarios do *palavrismo*, os Quinhentistas pozerão os marcos nos campos das letras, e determinarão, e assignalarão os limites ás forças do entendimento humano. Que cega, e miseravel gente! Todos os seculos podem ser de Quinhentos, se quem escreve escutar a razão, e a Natureza, e amar a magestosa simplicidade que a mesma Natureza deixa vêr em suas obras. Esta he a mestra de todas as regras, o archétypo de toda a perfeição; quem a sabe abraçar e seguir, ri-se do encolhido pedantismo, que não falla senão como os Quinhentistas, que não escreve senão como os Quinhentistas, que não admite genero algum de composição, que não fosse abraçado, e seguido pelos Quinhentistas. Ha, ou pôde haver mais vergonhosa escravidão do que esta? Consultem-se essas que se chamão Artes-Poeticas, alli se verão classificadas todas as especies de Poesia; mas as de que usarão.

os Quinhentistas . . . Ai ! daquelle que fôr tão arrojado que se atrever a inventar , a seguir , e abraçar huma especie nova ! Tudo o que não fôr seguir servilmente os Quinhentistas he hum sacrilegio ! Fallar em hum Poema filosofico , ou descriptivo , a hum da seita esteril dos Palavristas de Quinhentos , he induzilo em tentação , e erro : tapará os ouvidos para não escutar a blasfemia , e fugirá como da vista de hum precipicio , ou da companhia de hum apestado .

Eu não conheço seculo mais que o da Razão . A que seculo póde pertencer Plinio o Naturalista , Quintiliano , Tacito , Quinto Curcio , Bacon de Verulamio , e Galileo ? A todos . Eu não conheço outro Quinhentismo mais que a Natureza , esta me diz , que he ella o mais digno emprego da Poesia . Seus prodigios , seus quadros são mais alguma cousa que todos os feitos dos Heroes Conquistadores . Esta Natureza me diz , que de todas as partes da Filosofia , que podem dar materia a hum Poema , a Fisica , ou geral , ou particular , he a mais ampla , e exuberante . Posso asseverar , e attestar por experiencia propria , e pelo meu proprio tacto (e porque hei de ter a modesta hy-

pocresia de dizer , que o não tenho em versos ?) que encontro mais Poesia nos Poemas scientificos , e didascalicos , que abraço huma parte de Fisica , ou de Historia natural , que em todos os Romances chamados Poemas Epicos , todos elles fundidos em huns mesmos moldes , e nos quaes se não encontra outra differença , que não seja a das pessoas , e dos lugares. Não quero fallar desses Poemas mais conhecidos , e que andão pelas mãos de todos como as *Estações* de Tompson , onde ha tanta formosura , e variedade de quadros como ha na mesma Natureza que elle pinta : não fallarei do Poema dos *Jardins* de Rapin , tão fragrante como suas flores , nem do *Predio rustico* do Vaniere , tão amavel como o campo , nem da *Guerra , e Navegação* de Geanetazzio , tão ricos como a alma do Poeta , nem dos *Jardins* de Delille , que podião ser mais alguma cousa , se mais alguma cousa podesse ser hum Poeta Francez escrevendo em sua lingua vulgar. Estes grandes Poemas são conhecidos , o homem de gosto os lê sem enjôo , e o verdadeiro Poeta acha mais que estudar nelles que na *Iliada* , na *Olyssca* , na *Encida* , na *Jerusa-*

lem : e creio que não haverá quem não leia com maior interesse o Poema da *Filosofia de Newton* por Stay, que a muito atenuada, magrissima, cadaverica, e gazetal Henriada. Sevastano no Poema da *Botanica*, entre as materias mais aridas faz rebentar flores, de que nem hum leve perfume se encontra ou nos soporiferos cantos da Arancana, ou nas hiperboreas guerrêas de Ossian filho de Fingal. Tenho visto, e lido outros Poemas, que me acabão de persuadir, que assim como a Fisica foi o primeiro emprego da Poesia, porque os homens começarão a cantar, excitados das maravilhas do Omnipotente, apenas souberão contemplar, deve ser o seu maior, e mais continuo emprego. Eu só me lembrarei do que me apresenta a tão fecunda, como desgraçada Italia. Não ha parte alguma da sciencia da Natureza, que não tenha dado ampla, e fecundissima materia a novas especies de Poemas na ordem scientifica, e onde ha mais poesia que em todos os E'picos. Quem souber lêr com atenção o primeiro Poema desta natureza, que appareco depois do renascimento das letras, que he a *Syphilide* do maravilhoso Fracastor,

conhecerá esta verdade. De tal maneira he fecundado este argumento , que deixa a alma em extasi ; e em poucos Poetas s'encontrão quadros de maior valentia. Da mesma indole são os Poetas , coevos de Fracastor, Ruccellai, e Alamani , este no Poema da *Cultivação* , aquelle no das *Abelhas* ; posto que nelles se encontre certa rudeza , asperidade , ou pezo , que a Poesia adquire , quando a imaginação não tem a parte preponderante nos Poemas ; este he o defeito ordinario dos Quinhentistas , são pezados. O que me faz ainda maior admiração he hum moderno Poema intitulado o *Enchofre* ; a materia parece repugnante á primeira vista , mas seu anónimo author com desusada força d'engenho , a fecundou , e amenizou tanto , que diz o inimitavel Roberti tão profundamente como costuma. --- “ Este homem soube colher flores até nas mesmas margens do Acheronte. ---, O Jesuita Signorelli compoz hum Poema sobre os *Teares da seda* ; mais ameno , morbido , e agradavel que todas as cabaias da China. Outro Jesuita de Ferrara , émulo em harmonia de seu concidadão Ariosto , compôz hum Poema intitulado --- a *Fisica* , tão vario , e

admiravel como as experiencias , e maquinas da mesma Fisica, chama-se este Jesuita Barotti, e foi amado de Ganganelli ainda depois de dissolvida a Sociedade. Eu não me entrometo em discussões politicas sobre o Paraguai, e outras criminações que fizeram extirpar do Globo esta universal colonia de Regulares; trato de versos, e digo, que a alta, e grande, e verdadeira Poesia se meteo Jesuita, e este claustro, que por moda se aborreceo ha annos, e por causas que não sei, se restabelece agora, foi o verdadeiro Parnasso; não por serem os seus habitadores Jesuitas, porque a Roupetta não dá nem tira talentos, mas por se applicarem mais que os outros Frades (que podem e devem fazer o mesmo), e por atrahirem os genios que descobrião grandes nas escolas de que erão moderadores. O Padre Noceti compoz hum Poema sobre o *Iris*, e outro sobre a *Aurora Boreal*, tão vistosos ambos como seu objecto. Camillo Eucherio, tambem da mesma roupetta, e familia, compoz hum Poema sobre os *Banhos quentes de Ischia*, onde a imaginação não respira mais que vapores de rosas. Sobre todos aquelle Padre José Boscovick (tambem

Jesuita), que, com a Poesia, o a Geometria ao lado, está actualmente parecendo grande á Inglaterra (e a Portugal, que tambem sabe conhecer o que he grande; eu assim o sinto sem que a Inglaterra mo diga); este Boscovick, que tratava com tanta facilidade as secas, ou estereis equações, compunha com mais espantosa facilidade amenissimos versos. O arduo Apennino foi para elle hum Pindo agradavel, em quanto subindo aos mais remontados cabeços para determinar hum Meridiano; ao mesmo tempo que se entranhava nos calculos de Mau-pertuis, e Condamine, cantava as theorias de Huighens, e de Newton sobre as orbitas dos Planetas, derramando tantas flores de Poesia, que custa a crer que o bom do Padre fosse, com effeito, hum Mathematico daquela polpa, sciencia que torna mais seca que huma pedra pomes a fantasia, porque em fim são synonymos Mathematicos, e sequidão. Outro Jesuita chamado Souciet cantou os *Cometas* com tão levantados, e tão sublimes vôos como andão distantes de nós os caprichosos Cometas. E, para não sahir do fisico Parnaso dos Jesuitas, hum dellès chamado Strozzi cantou o *Chocola-*

te, (e fez muito bem); mas o Poema tem tão bellos epizodios sobre o descobrimento d'America, e Imperio do Perú, que qualquer delles peza, e vale mais pelo feitiço, que as inteiras Lusíadas. Permitta-se-me huma rapida digressão sobre Jesuitas, pois os vemos tão notaveis pelo lado da Poezia. Restabelecerão-se em fim os Jesuitas, enganarão-se os calculos politicos; talvez renasça o amor das letras em a presente mocidade, pois se lhes confiará a educação; talvez os costumes do seculo sejam menos depravados. O que fizerão e podem ainda fazer os Jesuitas poderião fazer outros quaesquer Frades, se se applicassem como os Jesuitas, que sem deixarem de cuidar nos Capitulos cuidavão mais nas letras.

He verdade que justamente se declamou e escreveo contra a sua Moral relaxada; porém mais turpitudes tem a *Pucelle* do universalissimo Voltaire, que os livros de Sanches, do *Matrimonio*. Peor he a moral dos Enciclopedistas, que a de La Crox, e Busembaum; se erão senhores do ouvido dos Reinantes, se derigião os Gabinetes, creio que o Padre de La Chaise, e Le Telier não fizerão tanto damno

á França como Brissot , Danton , Marat , Robespierre , e o furioso mentecato Napoleão. Pascal quando escreveu as Cartas do Provinciano ; não sonhou com a Revolução , e já no tempo de Pascal se lhe lançavão as primeiras linhas. Tornemos aos Jesuitas Poetas. O Padre Bru-moi , author da grande obra --- O Theatro dos Gregos --- compôz hum Poema intitulado o *Vidro*. A *Jerusalem* não tem hum enredo mais complicado em accidentes , e incidentes do que tem o Poema do Vidro. Eu detesto o mister de traductor , mas se tivesse hum intervallo de ocio em minha vida , ou paciencia de estar olhando parà hum livro , e escrevendo em hum papel , não deixava sem huma traducção o Poema do Vidro , he a cousa mais formosa que existe em o Parnazo Latino. Outro Jesuita chamado Lagomarsini cantou as *Fontes* , e diz do Poema o latinista Facciolati , que se se perdesse Virgilio , pelo que pertence á pureza da latinidade , e á magestade da Poesia , o bom do Lagomarsini nos consolaria nesta perda , e encheria o vacuo que deixasse o Cysne de Mantua. O maior Jesuita que houve , que he João Baptista Roberti (accommodem-se os outros

com o mesmo Pctavio, e não se desconsolle o mesmo Bourdaloue, porque eu nestas avaliações (não sou louvado incompetente), compoz hum Poema intitulado *As Perolas*, tão rico, e formoso como o seu objecto, e o outro Poema intitulado *Os Morangos*, tão saboroso como a sua materia.

Ora baste de Jesuitas, nem elles forão sóz, nem para elles sóz existio a Filosofia para dar assumpto a mil Poemas belissimos, amenissimos, e mais preciosos que todos os retumbantes éccos da estrepitosa trombeta de Calliope. Urania he huma Filosofa, mas tambem he huma Muza, e quiz mais amantes, e inspirados fora dos tristonhos Claustros, e dos Padres, os quaes (segundo o systema e grande juizo, e prudencia dos que abrem agora hum palmõ de estupida boca vendo que lhes *parára* a Revolução), para nada servem neste Mundo, senão para empecilhos da sociedade, ou quando muito para o ultimo delles deixar a ultima tripa para enforçar o ultimo Rei, como quizerão executar os modestos, e respeitaveis Demócratas do *Club* de Holbach, e da escola de Mably; lembrar-me-hei de outros Poetas

a quem a Fisica subministrou materia para agradaveis Poemas ; mas fallar em Poemas sem apparecerem Padres he quasi impossivel. O Abbade Monti compoz hum Poema intitulado *A Cultivação* , onde se expõe tudo o que melhor disse Du Hamel sobre a vegetação. O Abbade Lupi cantou os *Borómetros* , com tanta variedade como a de seus grãos. Outro Padre chamado Oudini cantou os *Sonhos* ; outro do mesmo trage , e com o mesmo barrete , chamado o Abbade Borgondi , cantou *O vôo das Aves*. E para não ficar cousa alguma sem ser cantada , o Marquez Spolverini cantou o *Arróz*. Pedro de Condeic cantou o *Mundo de Des-Cartes* ; seus vôos , e seus extasis são vastos , e novos como o systema dos Turbilhões. Bernardo Felloni cantou a *Magnete* ; Massieu o *Café* ; sua descripção da Arabia , e viagens do Camello hombreão com as de Buffon. Hum Inglez cantou a *Cerveja* (bom he tratar as cousas com conhecimento de causa). Philips he este Poeta , Horacio Landini Poeta Veneziano o traduzio. A pintura de hum bebado he tirada ao natural : a digressão sobre as guerras dos Centauros he propria ; as armas que o Poeta lhes dá quan-

do entrão em lide , que são toneis attestados , e odres cheios , tem o sabor Homérico , e a mesma extravagancia. Outro Inglez chamado Fleining compoz hum Poema intitulado a *Hypochondria* , ou os *Flatos*. Este Poeta era Medico , classifica os flatos methodicamente ; flatos ventraes , cefalicos , intestinaes ; flatos que se evadem , flatos que ficão , flatos que descem , flatos que sobem , &c. Nunca hum Medico poderá ser bom Poeta ! Perdoe-me a Faculdade o Epifonema. Outro Inglez , chamado Akenside , compoz hum Poema , que intitulou *Os prazeres da imaginação* ; o Abbade Angelo Mazza o traduzio em admiraveis versos ; e a Fisica tem nelle huma boa parte ; falla em Aristoteles , em Empédocles , nas erupções do Vezuvio , e no continuo lampejar do Etna. O Conde Pérsico , Italiano , cantou os *Canarios* , Poema dulcissimo , e tão harmonioso como seus Heroes ; o que parece á primeira vista cousa de pequena monta , se torna hum Poema interessante pelos vastos conhecimentos que o author tem da Ornithologia : Aldrovandi , Wilughby , Derrham , Ray , e o fertil Naturalista Conde Zinani , lhe emprestão riquezas nesta

grande parte da Historia Natural, que tornão mais interessante a leitura deste Poema, que a interminavel tãa dos desatinos da Iliada. E para não faltar cousa alguma no imperio vastissimo da Fisica, que não dêsse assumpto a hum Poema descriptivo, Le Faubre, que tinha composto dois Poemas hum sobre a *Musica*, outro sobre o *Oiro*, escreveu mais hum intitulado o *Terremoto*, onde ha quadros dignos da dôr magestosa de Estacio. O *Bicho da seda* foi cantado por Vida, e já aqui poderiamos dizer com Horacio *Nihil intentatum nostri liquere Poetæ*. Ha hum Poema intitulado a *Logica*, em sete cantos com mais versos que a Eneida, composto por hum Conego de Verona chamado Adão Fumani. Ha outro Poema intitulado *De principiis rerum*, e chama-se seu author Scipião Capecece; nenhum dos modernos imitou, e seguio tão de perto o castigado estilo de Lucrecio. Ha hum Poema chamado *Os cinco sentidos*, outro a *Arte de procrear filhos formosos*, outro a *Declamação Theatral*, outro a *Dança*, e he Castelhana!! E teremos e admiraremos sempre grandes Poemas, livres do tedioso andamento épico em quanto houver

Poetas capazes de fitar os olhos no quadro da Natureza Fisica : nesta contemplação achou o já antigo *Dulard* materia para reduzir a Poema o grande livro de Bernardo Newentit sobre a existencia de Deos , dando-lhe por titulo *Grandeza de Deos nas maravilhas da Natureza*.

E porque razão me excluirei eu deste catalogo ? A verdadeira materia do Poema a *Meditação*, he a Fisica ; e sem huma aturada contemplação da Natureza , junta aos principios das sciencias naturaes , não poderia levantar aquelle edificio , que julgo não ser dos mais frageis , e ruinosos : nem sem a Fisica eu poderia erguer a planta deste Poema *Newton* ; pois se não póde tratar bem huma materia , sem se saber bem esta materia , e tudo o que com ella conservar intima relação. Depois de haver tratado os assumptos da Poesia E'pica , senti por experiencia que a fantasia se me exaltava , e accendia mais , quando contemplava o Quadro do Universo , e as opiniões dos Filozofos. Por certo deve reinar huma eterna alliança entre a Poesia , e a Filosofia. Se para crédito , e preço desta alliança eu não tivera mais que hum testemunho na Antiguidade , elle bastaria por

illustre, e grande. Marco Tullio Cicero revio, e polio da sorte que o temos, o Poema de Lucrecio, que se publicou depois da morte deste Fisico Poeta, e de quem no seculo da maior litteratura de Italia nos deo a mais bella traducção que existe Alexandre Marcheti. E poderá deixar de ser grande huma cousa que Cicero estimou, e que mereceo os cuidados, applicações, e estudos de Cicero? Quanto mais rico de Filosofia Fisica fôr hum Poema, tanto maior, e tanto mais merecimento terá. Dos Poetas Italianos o que mais me prende, e agrada he o Abbade Conti, nobre Veneziano. Não deixa em suas Poesias, como se vê por seus mesmos commentarios, e dissertações, compostas para mais clara intelligencia de seus admiraveis versos, parte alguma intacta da recondita doutrina da Fisica antiga, ou nova. Offerece muitas vezes entre os vagos, ou magicos sons de sua innata harmonia a seus Leitores as escalas do Bello de Platão, as Pyramides dos Mundos possiveis de Leibnitz, as theorias das curvas de Newton; e por certo este erudito homem faz emudecer para sempre os que com tão orgulhoso desprezo considerão os Ecclesiasticos.

Assim se emprega o dom da Poesia, e só por esta vareda se podem despertar do lethargo os genios a quem a Natureza induzio, ou impellio para os versos. Ferreo tempo! Parece que se não caminha, mas que se existe já no regaço obscurissimo da barbaridade (*); o furor da guerra apagou o incendio do amor das sciencias, e boas artes: tem dado novos sentimentos aos homens, e na voragem da Revolução se tem precipitado o gosto do estudo. O commercio das letras extinguiu-se; e quanto me tem custado o ficar de pé no meio destas ruinas! Eu não passo com a consideração álem do circulo deste Reino. Que escritos apparecem! Que Poesias! Que ludibrios! Vai a perder-se, e consumir-se tudo; e até as mesmas esperanças de huma regeneração em litteratura!

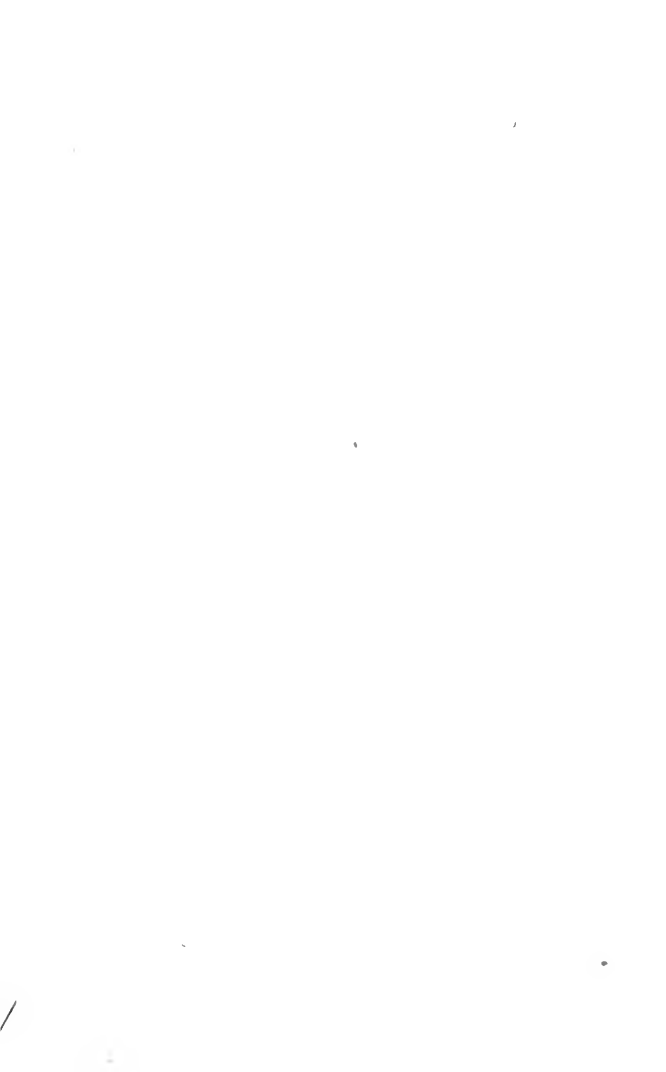
(*) Foi isto escrito nos principios do anno de 1813, depois de rebentar o mais violento volcão de guerra nas furiosas invasões da Russia, que a sahirem conformes ás miras do mentecaptó que as fêz, mais barbara ficaria a Europa do que ficou com as invasões dos Selvagens do Norte em o 4.º, e 5.º seculo. Em quanto não cahio o frenetico Bonaparte no lodo de que sahira, quasi não vi lêr outro livro mais que as Gazetas.

Jornaes , Jornaes , Joinnes , eis-aqui o que querem , o que buscão , o que prezão os homens ; toda a sciencia he a noticia do momento actual , e entre os estragos mais lastimosos do presente tempo , o de nossa maternal lingoagem he o mais sensivel. Já não he Portuguez o que se falla , e o que se escreve. (*) Devorame o zêlo da nossa gloria , e ella me fez escolher o presente assumpto. Quem diz Newton diz hum prodigio do saber humano , e eu quiz juntar em hum Poema , que se dissesse *Newton* tres cousas , Poezia , erudição , e lingoagem. Conheço que com tudo isto não consigo o meu fim , mas ao menos cumpro meu dever , e meu desejo. Não tinha Portugal hum Poema Filosofico , dei a Portugal hum Poema Filosofico. Nada fiz. Se o mesmo *Newton* resuscitasse em Portugal , e lhe desse não hum Poema , mas outros *Principios Mathematicos* da Filosofia natural , não destruia o indifferentismo

(*) Seria digno Secretario de huma Academia de sciencias hum homem que escrevesse assim = A Academia *de quem* tenho a honra de ser o interprete dos seus sentimentos ? = Pois existio isto , e bom será que a Posteridade saiba que existio isto.

litterario , e se , em lugar dos Principios Mathematicos , trouxesse huma Gazeta ? Todos o lião.

Não se me tem ido ociosa a vida , e algumas das minhas composições em verso nem me envergonhão , nem me deixarão esquecido : o Poema Filosofico da *Meditação* encerra em si vastos conhecimentos expostos na verdadeira lingoagem das Musas ; o Poema E'pico o *Oriente* , obra de hum trabalho immenso , de huma seria , e aturada applicação , de huma paciencia invicta em o polir , e repolir , não deixará de passar á Posteridade , e isto bastaria para me satisfazer ; com tudo os pais sempre tem predilecção por alguns dos filhos , sendo todos seus ; tanto me succede com o presente Poema *Newton* ; eu lhe dou a preferencia entre todos no estado em que agora o publico , e lhe chamo a melhor , e a mais perfeita das minhas composições nestes segundos cuidados.



NEWTON
POEMA.

CANTO I. (1)

Já da Aurora ao clarão suave e puro
Cedia o campo azul do immenso espaço
De estrellas recamada a noite umbrosa ;

(1) Quando appareceo. este Poema em sua primeira edição de 1813, apparecerão, não as censuras judiciosas, mas os miseraveis reparos de ignorancia atrevida, dizendo que o Heroe que dá o nome ao Poema não apparecia na proposição: isto não tem resposta. Trata-se neste Poema de elogiar o grande Newton, não pelas acções de sua vida, mas pelos seus conhecimentos Filosoficos, e pela impulsão que elle deo ás sciencias para o estado de perfeição em que as vemos, e que ainda podem adquirir; para isto

Nuncia do dia , ás lucidas esféras
 Da luz primeira undulações mandava ;
 Das mãos de neve , do purpureo rosto
 Brancas , brilhantes pércelas cahião
 No verde esmalte dos risonhos prados ;
 E de Favonio aos hálitos suaves
 Do brando somno as plantas resurgião.
 De ondas immensas de escarlata , e de ouro
 Erão os Ceos Orientaes banhados ;
 E pelo espaço liquido dos áres
 Os rorejantes Zefiros co' as azas
 Do bosque as folhas trémulas movião.
 A vaga turba aligera acordando ,
 Dava o tributo dos primeiros hymnos
 Da Natureza ao Arbitro Supremo ,
 A cujo aceno a Natureza vive ,
 A cujo aceno a Natureza pára.
 Quasi o limbo do disco auri-splendente
 Pelo Horizonte Oriental rompia ,
 E já co' a debil luz que hum raio esparge

era preciso dizer o que pensarão os homens antes
 d'elle , e o que tem imaginado , e feito depois da pu-
 blicação de seus doutísimos escritos. Tambem ha
 Poemas que não começam — As armas , e os varões.

Prazer no quadro do Universo aviva ,
As sombras affugenta , e mostra o Mundo.

Depondo o pezo do voraz cuidado
Que tece , e gasta a têa da existencia ,
Que ao trabalho , que á dôr me vóta a sorte ,
Do esquecimento do meu mal envólto ,
A' desgraça esquecido , então pouzava
Do meigo somno em balsamos gostosos ,
Somno em que pausa faz triste amargura ;
Herança minba , indeclinavel Fado !
Eis-que sinto levar me . . . (e como , e onde
Eu não posso dizer) ; vœi nas azas
De arrebatados extasis súlimes.
Sonho , sonho não foi , que mil confusas
Na fantasia imagens atropêla ,
Extasi foi sómente , e conduzido
Eu fui d'hum Genio habitador do Olympo ,
Que aos olhos do Filosofo franquêa
Do eterno arcano as ferrolhadas portas ,
E , n'hum centro de luz , lhe mostra o quadro
Da sempre a mesma , e varia Natureza.
Do grande Scipião dest' arte á vista (2)

(2) O sonho de Scipião he hum fragmento preciosissimo dos Livros da República de Marco Tullio.

Os immortaes alcáçares se abrirão ,
 E d'entre a sombra que o futuro encerra
 A voz lhe diz que proseguindo a estrada
 Vá sempre da virtude , e lhe descobre
 De Roma os fados , de Carthago as cinzas.

Já pizo o aereo cume ; a luz brilhante
 Se me diffunde , se me espalha em torno.
 Como do meio do profundo Oceano
 Costuma alçar-se desmedido escólho
 Que vê quebrar-se nas eternas bazes
 Já languida , e sem força onda espumante,
 Se olha de cima as voadóras nuvens,
 Que em tumidos chuveiros se desatão ,
 E se escuta o fragor do raio accezo ,
 Sereno , immovel permanece ; apenas
 Pousar a escuridão nas faldas sente ,
 E que o vento debalde a base açoita.
 Assim eu conduzido a immensa altura ,
 Hum ár sereno , e puro , e luz mais viva ,
 Bebo em torrentes , e deviso apenas

Cicero. Macrobio nos conservou este fragmento com seus amplos commentarios , cheios de huma recondita , e exquisita erudição , e doutrina. A alma de Scipião arrebatada em hum sonho he levada á superior esfera ; eis-aqui o que despertou a presente imagem,

Grossas nuvens pouzar na Terra inerte,
 Onde envolta, qual ponto escuro, e triste,
 Pelas aereas solidões do espaço
 Corre, sem propria luz, Planeta inglorio.
 Eis no gremio da paz serena, e doce,
 Se me antolha pizar de Heróes o aleçar,
 Extatico bradando: Ah! não, por certo,
 Póde ser este o terreal assento!

Hum Ceo sereno, e Primavera eterna
 Celestes flôres, e não vistas plantas,
 E, cheios de prazer, bosques sombrios,
 D'aguas mais puras borbulhantes fontes,
 Não por certo não tem mesquinho Globo!
 Sem véos aqui contemplo, aqui descubro
 Essa invisivel fluida substancia, (3)

(3) O ár he huma substancia fluida; e invisivel que circunda a Terra de todos os lados; contém em si os vapores, as nevoas, e outros Meteóros, he respirado por todos os corpos viventes. Chama-se Atmosfera todo este immenso corpo do ár. Veja-se Benjamin Martin na Gramatica das Sciencias, Parte III., onde com admiravel dexteridade expõe toda a theoria do Ar. O penetrante engenho de Marco Tullio concebeo, e explicou esta mesma Theoria tantos seculos antes dos grandes descobrimentos nas Sciencias Naturaes. Este Orador falla como hum Físico exactissimo naquella Obra, que entre as Filosoficas

Que em torno fecha , e que circunda a Terra ;
 Que em si nuvens contém , contém vapores ;
 Que em si tantos fenómenos acolhe ;
 Que he necessaria tanto , aos sons , á vista ,
 Ao fogo , á vida , ás arvores , ás plantas ?
 O' da Divina mão alto , infinito

prova mais claramente a vastidão de seu saber , que he o Tratado da Natureza da Divindade , Liv. 2.º N.º 39. Eis-aqui suas eloquentissimas expressões. *Aer tum fusus & extenuatus sublime fertur : tum autem concretus in nubes cogitur ; humoremque colligens terram auget imbris : tum effluens huc , & illuc , ventos , efficit. Idem annuas frigorum & calorum facit varietates. Idemque & volatus alitum sustinet , & spiritu ductus alit , e sustentat animantes.* E n.º 33 : *Nobiscum videt , nobiscum audit , nobiscum sonat , nobiscum movetur.* Tentemos , se he possivel , huma litteral traducção , eñ a faço com tanto gosto , quanto he o desejo que tenho de mostrar ao Mundo té onde chega a riqueza , e elegancia da lingua Portugueza = Quanto mais se eleva , e sobe o ár , mais se atenua , e adelgaça , e quando se condensa muito , fórma as nuvens , e ajuntando em seu seio as particulas unidas , augmenta a terra com as chuvas. Correndo , e movendo-se de huma para outra parte , fórma os ventos , assim como as annuas variedades do frio , e do calor. Sustem o vôo das aves , e penetrando tudo como hum espirito , nutre , e sustenta os animaes. Vemos com elle , com elle ouvimos , nelle percebemos os sons , delle vem o nosso movimento. —

Poder nunca entendido ! Se a atmosfera
 Não refrangesse a nós do Sol os raios ,
 Não se virão brilhar n' azul campina
 Em distancia infinita immensos astros :
 Nem o doce crepusculo se vira ,
 Ou quando o mesmo Sol s'esconde, e fóge,
 Ou quando no horizonte inda não surge ,
 Mas debil raio matutino espalha.

Se volvo aos Ceos extático meus olhos ,
 Vejo proximo o Sol , da luz origem ; (4)
 O pelago de fogo , a ardente massa ,
 De que he composto o fulgurante corpo.
 He elle o fixo , o luminoso ponto ,
 Elle o centro commum qu' em torno cercão ,

(4) A pezar de muitas opiniões contrarias , creio que o Sol he hum corpo de fogo de quem todos os oufros Planetas recebem luz , e que mediante a emanação continua de seus raios aclara , e illumina todo o systema dos Seres , que existem em torno de nós: O diametro do Sol he de 254,773 legoas Portuguezas , e sua massa he 365,400 vezes maior que a da Terra. Não se póde determinar com certeza se o Sol seja hum corpo de puro fogo , porque em sua superficie se descobrem continuas manchas , descobertas primeiro pelo immortal Galileo , depois pelo Jesuita Scheiner , e finalmente verificadas por Hevelio. Veja-se o Lexicon de *Harry* na palavra *Máculæ*.

Sem cessar gravitando , aureos Planetas.

A Lua já descubro , e vejo os mares , (5)

Os largos , fundos , caudalosos rios ,

Que parecem , da Terra , obscuras manchas ,

Quando a vista de lá nos Ceos espalho.

Ilhas descubro , altissimas montanhas ,

Dé cujas frentes escabrosas desce

A luz reflexa , que da Terra eu vejo ,

(5) A gravitação mutua dos Planetas , e Sol , foi conhecida dos mais antigos Filósofos , como se acha demonstrado na Prefação dos Elementos d'Astronomia Fisica , e Geometrica do celebre Doutor David Gregory , na qual se lêem estas palavras : *Nos in Astronomia Phisica veterum vestigiis instamus Caestia in se mutuo gravia esse , & vi gravitatis in orbibus retineri quod etiam gravitatis hujusce legem perspectans habuerunt.* Seja o que for ; chame se huma demonstração o gyro annuo da Terra á roda do Sol , eu não me sugeito voluntariamente a esta opinião , não sou eu o primeiro que o digo neste século. Mercier lançou por terra o systema Copernicano , eu nenhum sigo. As leis que o Supremo Author deo á natureza são incognitas *Ut non inveniat homo opus Dei a principio usque ad finem.* Para o entendimento humano á vista desta viva maquina do Universo não ha senão duas funcções , admirar , e ignorar.

(6) A Lua he hum Problema irresolvivel. Sabemos que he hum corpo grande , obscuro , opaco , esférico , e semelhante ao Globo da Terra em ma-

Luz que lhe empresta o fulgurante globo;
 Origem della, e do calor origem.
 Seu móto vario, e desigual contemplo,
 Com que mostra em seu gyro incerto o rosto;
 Talvez proceda da diversa, e forte
 Visivel atracção do Sol, e Terra,
 Do eixo obliquo em que se agita, e móve.
 Mais que os Planetas vastos, e aberrantes
 Em torva luz aos olhos se offerecem
 Em sempre incerta, e variante fórma
 Tão vastos, tão excentricos Cometas, (7)

teria, e fórma: seu diametro he de 725 legoas, a sua circumferencia 2276, e sua distancia da Terra 80.8. Querem alguns Filozofos que as partes luminosas do corpo da Lua, sejam certas porções mais elevadas que as outras, as quaes reflectem luz do Sol, como Montanhas, Promontorios, e Ilhas, e que as partes obscuras da mesma sejam Mares, Lagoas, e Rios, donde a luz não reflecte, e que por isto devem parecer obscuras; mas he tão fraca esta luz que recebida nos melhores espelhos ustorios até aqui inventados não produz o menor calor sensivel. As mais bem fundadas hypotheses da theoria da Lua achão-se nos principios de Newton, na Astronomia de Gregory, de Whiston, de Keill, e Lalande.

(7) Nos mesmos Principios Filosoficos de Newton, se acha que os cospos dos Cometas são certas substancias sólidas, fortes, fixas, duraveis; e que de

Tardios em mostrar-se , e sempre infaustos
 A' vil superstição do vulgo insano ,
 Agoiro triste aos pálidos Tyrannos !
 São duraveis , e sólidas substancias ;
 Da mão do Eterno Artifice são obras :
 O Nada as produzio , quando , na origem
 Do Mundo , lhe mandou , que fosse tudo :
 Não quaes óusou julgar rude ignorancia
 Ligeiros fogos de temor objectos ,
 Sem orbitas , scm leis , sem marcha , e centro.

Quantas contemplo lucidas estrellas !
 Quantos Astros centraes ! Quão luminosos ,
 Quantos , quantos satéllites velozes
 Em torno delles caminhando eu vejo !
 Em tão diversos , tão distantes corpos ,
 Tão varios entre si , tanta harmonia !
 Minha alma se confunde , e se deslumbra
 Debil vista , mortal : tudo me opprime ;
 Eu só prodigios , só milagres vejo !
 Entro no abysmo do silencio , e fico ! . . .

facto são huma especie de Planetas que se movem
 a roda do Sol , e que resplandecem com a luz dos
 raios do Sol que reflectem. Observem-se as Orbitas
 Parabolicas de 21 Cometas descriptos no systema So-
 lar de Whiston.

Qual o que sóbe do Apenino ao cúme,
 E alonga os olhos pelo immenso plano,
 Onde outr'ora s'ergueo Latino Imperio,
 Vastas Cidades vê, ferteis campinas,
 E os restos immortaes do fasto, e gloria,
 Que inda em quebrados marmores avulta,
 Vê longos rios retalhando os campos,
 E do Tirrheno mar, d'A'dria nas ondas
 Vê altas náos rasgando o dorso a Thetis;
 Depois que ávida vista em scenas tantas
 Hum pouco apascentou, turvado, absorto,
 Dentro em si mesmo se concentra, e fica
 Vastas idéas revolvendo, quantas
 Da Natureza, e da Fortuna os quadros
 A seus olhos atónitos mostrarão:
 Assim eu vejo em quantidade immensa
 Surgir das aguas, levantar-se aos ares,
 Pelos raios Febêos como attrahidas,
 As humidas porções já rarefeitas;
 Mais ligeiras que o ar, no ar fluctuão;
 Nellas a vida tem, nellas se fórmão
 A nuvem densa, as névoas importunas; (8)

(8) No Compendio Filosofico de Rowing, parte 2.^a Dissertação 6, se achão as principaes Hypotheses que

Que , com diversa reflexão de Apóllo ;
 Que em seu seio refrange o accezo raio ,
 Variante espectaculo me amostrão.

Dos rarefeitos ares eu descubro ,
 Que os ventos nascem , (portentoso arcano ,
 Portantos , tantos seculos oçulto!)

Os inconstantes milagrosos sopros , (9)
 (Da bemfazeja Providencia hum brado!)

Pelo inquieto campo do Oceano.

Levão de hum Polo a outro ousados pinhõs!

Equilibrado o fluido dos ares ,

Não os oiço bramir ! . . . Mas quem perturba

A dilatada calma , a paz tranquilla ?

Quem rouba ao ar pacifico equilibrio ?

Talvez , talvez , que , exhalações rompendo

Do terreo globo , e tenebrosas furnas ,

os Filósofos tem inventado para explicar a maneira com que o Sol atrahê as particulas de hum Fluido , e as tornã especificamente mais ligeiras que o ar.

(9) O Abbade Nollet nas lições de Fisica experimental , Tom.3.º , pag. 349 , expõe diversos systemas sobre a Origem dos Ventos. Mas para se conhecer mais a fundo esta tão intimada maravilha , se podem vêr as exposições historicas dos Ventos regulares , e irregulares do Dr. Kalley , e a Historia dos Ventos de Lord Bacon.

Ou sobre o eixo a rotação diurna
Da Terra seja do prodígio a fonte!

Eis com elles se agitação, se misturão,
As espalhadas fluctuantes nuvens;
Do agudo frio comprimidas, tornão
A seu terreno, e primitivo berço.
Em chuva salutar desfeitas descem;
Ou, se o frio he maior, candidos vellos,
Do brando vento conduzidos, cobrem
No triste Inverno o campo amortecido;
Ou, nas miudas condensadas gotas,
Pelas douradas messes espargidas,
Ao desvelado Lavrador só trazem,
Depois de longo afan, tristeza, ou pranto.
Vejo o accezo relampago medonho,
Oigo o horrendo trovão, vejo o espantoso
Trilho abrazado do sulfureo raio...
Nada a meus olhos se me esconde, nada!
E já de enxofre, de bitume, e nitro,
De ácido sal, de alcálicos diversos
Grosso vapor subindo eu vejo aos arcs.
Foi do Sol attrahido, o vento o leva;
Com violento impulso então fermenta,
Prestes se accende, subito nos manda
Essa palida luz sempre seguida

D'alto fragor , que faz tremer nos eixos
 Timido o Mundo , e precursora he sempre
 Da chamma rapidissima , que desce
 Com pavoroso estrepito , e que abate
 Quanto , voando , na carreira encontra. (10)
 De aspecto muda do vapor a massa ,

(10) No Liv. 3. da Optica de Newton , Quest. 31 (fallando-se de muitas experiencias que elle tinha feito em substancias combustiveis , e proprias a produzir estrepito) se lêem estas palavras: — Estas experiencias , comparadas com a grande quantidade de enxofre de que muito abunda a Terra , com o calor de suas interiores partes , fontes thermaes , montanhas ardentes , mineraes , terremotos , exhalações cujo calor suffoca ; nos fazem vêr , que existem nas entranhas da Terra rios de enxofre , que fermentão com os mineraes , e algumas vezes se inflamão com grande estrepito ; e se estão encerrados em cavernas subterraneas , as rompem sacudindo a Terra , e fazendo-a tremer , bem como quando rebenta hume mina ; então os vapores grandes , e produzidos por aquelles grandes abalos , e oscilações , insinuando-se nos poros da Terra , a escaldão , suffocão , formando vortiginosas tempestades. = Esta reflexão de Newton confirma validamente o systema do celebre Scipião Maffei (Author da Tragedia Merope) sobre a origem dos Raios terrestres , systema que posto haja sido impugnado tanto dentro como fóra da Italia , torna famoso o nome deste Literato conhecido por innumeraveis producções ,

„ Inda além dos confins da Terra , e Mares. „

Nem sempre he raio estrepitoso ; eu vejo
 As agudas Pyramides , as Traves ,
 A Seta aguda , o flamejante Drago ;
 E as que se mostram lucidas Estrellas ,
 Que accezos trilhos no horizonte deixão ;
 E esse , usado a brilhar no algente Pólo ,
 Sem calor vivo , sem substancia hum fogo ,
 Huns restos são maravilhosos , bellos
 Dessas de luz undulações pasmosas ,
 Que detidas do ar no immenso seio
 Fómão brilhantes Boreaes auroras ;
 Ao lúcido horizonte em parallela
 Linha se mostrão , se mais baixas correm ,
 Ou , n'hum centro commum , s'unem subindo ,
 Até que extinctas as porções sulfurcas
 Pouco a pouco do ar desapparecem ,
 Deixando apenas ao gelado Norte
 Hum suave crepusculo brilhante .

Se volvo a vista a outra parte , absorto
 De multi-forme côr descubro a nuncia
 Da sempiterna paz , Iris formosa ;
 A doce reflexão dos aureos raios ,
 Unida á refracção , sobre miudas
 Da fria chuva transparentes gotas ,
 A septi-forme côr prontas lhe imprimem .

Quantos , quantos phenomenos pasmosos
 A luz reflexa nos produz nos ares !
 Em tanto objecto o pensamento fixo ,
 Em tanto objecto extaticos meus olhos
 Grandes idéas me despertão n'alma !
 Eu , de augusto silencio em sombras , fico !
 E só do centro de meu peito exhalo ,
 Não os ais da afflicção , do assombro o grito.
 Eu sinto , eu sinto hum Deos ; não foi do Acaso
 A milagrosa producção do Mundo !
 Obras só foi do Artifice supremo :
 Hum rio origem tem , o effeito causa.
 Tantas estrellas lucidas dispersas
 Nesta estendida cúpula azulada ,
 Esta Lua , este Sol , o dia , a sombra ,
 (Constante alternativa ,) a luz , e os ares
 São cifras com qu' escreve a mão suprema
 De hum Ente Summo , Sapiente , Immenso.
 Na flor , na planta , no mimoso fructo ,
 No que s'esconde pequenino insecto
 Que vêr não podem desarmados olhos ,
 E só com lente augmentadora , observo
 Como impalpavel atomo mover-se ;
 Nos rostos varios , e animaes diversos ,
 Nos sons , nas cores , na mipha alma o vejo ,

Almo theſouro da Clemencia eterna.
 Ella enriquece a Terra , e a vejo em tantas ,
 Tão varias producções na eſpeçie eternas :
 D'alta grandeza ſua eu ſinto a prova
 No fundo abyſmo dos extenſos mares ,
 Nos Ceos immenſos , na pezada Terra.
 Seu Divino ſaber , tremendo , adoro
 N'alma belleza dos mortaes objectos ,
 Nas leis eternas dos celeſtes corpos
 Os caracteres luminosos vejo
 D'hum Conſelho immortal que rege o Todo ,
 Na exacta proporção dos fins , dos meios ,
 Que do viſivel Mundo o quadro oſtenta ;
 Tudo , tudo me diz que hum Deos preside
 Monarcha immenſo de infinito Imperio.
 A' luz ordena que me aclare , e manda
 Ao ar que me ſustente , e a vida aspiro.
 Elle o calor produz , que o vital germe ,
 Em ſucceſſivas gerações conserva :
 Elle o dia formou , nelle ao trabalho
 O mesmo Rei da criação destina :
 Elle a noite produz , com ella em ſombras
 Da fria Terra a maquina ſepulta ,
 Em que o corpo mortal restaure a força ,
 Com que ao ſurgir da matutina Aurora ,

Torne ás fadigas , aos cuidados volva.
 Porque discorro , existo , e eu sinto dentro
 De mim , que penso , sensações diversas.
 Quando o incorporeo ser d'alma contemplo,
 Vejo huma imagem do Motor supremo ,
 Que quiz que eu fosse a similhança sua :
 E não direi , que me sustenta , e rege
 Hum Ser universal , hum Nume Eterno?
 Ah ! da materia o movimento o mostra !
 Ella , inerte de si , da inercia sua
 Não podéra sahir sem braço Eterno ,
 De cujo impulso o movimento nasce.
 Não he da essencia da materia o móto
 Alheio della , vem de extrema causa
 Que existe por si mesma : hum ponto ao Mundo
 De existencia marcou ; disse , e moveo-se
 Subitamente a maquina pasmósa ,
 Nada sendo até alli ; foi tudo , e vive.

Em taes idéas concentrado estava
 Sem olhos desprezar do quadro augusto ,
 Que sempre he novo , e bello , e sempre antigo ;
 Livro do estudo meu , delicias minhas ;
 Eis-que descubro no mais alto cume
 Do fulgurante Olympo erguido hum Templo ,
 Cuja sublime estranha architectura

Nem alma a concebeo , nem olhos virão.
 De lúcido crystal , alto-esplendente .
 Se levantava altissima fachada ;
 Arcos , columnas , arquitraves , tudo
 De pedraria oriental se fórma ,
 Onde huma luz celestial batendo
 Derramava reverberos brilhantes :
 A magestosa cúpula fulgura ,
 Qual de Narsinga o diamante fulge.
 Quem dá força a meu estro , e quem sustenta
 Meus temerarios sobrehumanos vôos ?
 Como á Verdade franquear eu deyo
 Té agora as bronzeas ferrolhadas portas
 De crença , a cuja luz não seja avára
 A turba indocil do inconstante vulgo ?
 Longe , longe , ó profanos ! Se tu reges ,
 Se tu mesma , ó Verdade , o canto animas.
 Se me encordôas Cithara toante ,
 Para o Templo celeste appresso o passo ,
 E não receio de mordazes linguas
 O golpe fundo , o livido veneno.
 Ao menos parará quando na Terra
 Eu deixe de existir ; surge das cinzas
 Mais clara a fama , o merito consegue
 De louvor justo o posthumo tributo ,

No perstilio magestoso , e vasto ,
 (Eu não destinguo se he mulher , se he Deosa)
 Então descobro , que , volvendo os olhos ,
 Em mim pronta os fixou , como se ha muito
 Naquella Estancia me aguardasse ; estende
 Formosos braços , e me aperta ao seio.
 Soltando a voz angelica me exclama :
 , Escrito estava no volume arcano
 Do immobil Fado , que no Templo entrasses ,
 Que a Sapiencia levantou no Olympto.
 Tu , separado dos mortaes enganoso
 Da vaidade , que domina o Mundo ,
 E dando ás Musas o fervente engenho ,
 Que á grata sombra dos sagrados louros
 As horas ganhas da voluvel vida ,
 E o grão thesouro de profundo estudo
 Buscas constante , e com trabalho ajuntas ,
 Soffrendo o longo afan té quando a sombra
 No vasto seio envolve o inerte globo :
 Hoje das mãos da Sapiencia o premio
 Tu debes receber , teu genio enchendo
 Não de verso suave , ou brandas rimas ,
 Com que do mar o vencedor tu cantas ,
 Que as portas abre do vedado Oriente ,
 Qu' a Patria d'honra encheo , de gloria o Mundo ;

Mas d'excelsa verdade ao vulgo ignóta. „

De seus olhos a Deosa amor respira ;
 Mas tal amor , que penetrava o peito
 Sem perturbar do entendimento o lume ,
 Qual ser costuma entre os mortaes , se he grande !
 Eu tinha fitos no seu rosto os olhos ,
 Com celeste prazer toda a minha alma
 Em doces chammas ondear sentia ;
 A Deosa o conheceo ; que mudo ; e quasi
 Abstracto estava , e do sentido alheio.
 Solta hum sorrizo dos purpureos labios ,
 E assim começa a me fallar benigna.

„ Tens theio o coração de ignoto fogo ,
 A quem mortaes no Mundo amor chamarão ,
 E a quem puro prazer nos Ceos se chama.
 Este puro prazer do gozo alheio
 Tóma força , e principio , e tudo a todos
 Se apraz de ser , e se derrama inteiro.
 Do privado interesse ignora a meta ,
 E , nem se muda , nem se altera , como
 Tantas vezes no Mundo amor se muda.
 O proprio amor aos corações innáto ,
 Que a todas as paixões qu'o peito agitação
 Se amolda sempre , e se transforma nellas.
 He disfarçado amor vossa esperança ;

Amor he pertinacia, Amor he magoa;
 Amor são todos os prazeres vossos;
 De Amor o movimento, os accidentes,
 Considerados, são paixões diversas.
 Na origem, quando nasce, Amor se chama;
 Quando do peito sahe, quando se expande,
 E busca unir-se ao suspirado objecto,
 Chama-se então desejo; e vigoroso,
 Já seguro de si, firme em si mesmo,
 Se as azas solta, e se remonta, e sobe,
 O nome tem de vívida esperança.
 He constancia, se, obstáculos vencendo,
 Na mesma opposição mais força adquire.
 Quando aos duros rivaes declara guerra,
 He sempre Amor; mas chama-se ardimento,
 Mil vezes a si mesmo elle se esconde;
 Mas neste raro sacrificio he sempre
 No altar do coração victima, e fogo,
 E Sacerdote Amor, que em si transforma
 Quantas no Mundo vê paixões diversas.

Mas tempo he já que teu desejo abaste,
 E te descubra o portentoso Templo;
 Onde benigno te conduz teu Fado.
 Esta, que vêz alçar-se, áugusta móle
 Encerra dentro em si Filosofia;

Altars alli tem , [do monte exceiso
 Genio a tem feito tutelar os Numes :
 Sacerdotes são seus , são seus Ministros
 Esses engenhos transcendentés , vastos ,
 Que tão raro entre vós asylo encontrão ,
 Sustento , protecção , respeito , escudo.
 A Fadiga sou eu ; nome tremendo
 A quem d' hum ocio torpe os braços busca ,
 E na mole indolencia a vida exhaure :
 Mas he doce o meu nome a quem Virtude ,
 A quem Mérito apraz. Segue-me , ó filho ,
 Entra comigo os pórticos do Templo. ,,

Que gélido suor me banha a frente !
 De vêa em vêa penetrante frio
 O curso ao sangue fervido entorpéce !
 Tremi confuso , e vacillante o passo
 Entre contrarios pensamentos movo.
 Vi que de Icaro o vôo , a acerba queda
 Desse soberbo , e deslumbrado moço ,
 Que mal regera ignípedes Ethontes ,
 Eu hia a renovar. Meu alto assombro
 Descobre a Deosa , e se doeu de ver-me ;
 Deo-me a benigna mão , e me susteve
 No meio já do pavimento augusto.

Dentro era d'ouro o consagrado Alcaçar,

De azul celeste a abóbaa esmaltada,
 Onde brilhantes lucidas estrellas,
 Quaes Safiras finissimas, se engastão;
 De eterno fogo immortalmente accezas
 Oriental Pyrópo o chão lhe fôrma;
 E nas paredes (mão divina!) expressas
 Admira a vista insólitas pinturas;
 Quaes nunca Rafael, quaes nunca õusara
 Traçar pincel de Rubens portentoso:
 Aqui se vião nos incultos bosques
 Ir errando os mortaes sem lei, sem freio,
 E quasi extincto o luminoso facho
 Da celestê Razão, preza entre sombras.
 Alli se admirão simplicies viventes
 Rudes choupanas levantar primeiro
 De annosos troncos, e de seccas fólhas,
 Onde, quaes féras nos covís, s'escondem
 Das injurias do ar, do vento aos sopros.
 Neste estado infeliz de hum Mundo inculto.
 Se dá principio á sociedade humana:
 A primeira familia alli se ajunta,
 A rotear começa o campo agreste.
 Nella o pai foi Monarca, até foi Nume,
 Da sapiencia, e da razão guiado,
 Alli juntava Sacerdocio, e Imperio;

Os Ceos interpretando, as leis promulga,
 Que o bem commum da sociedade buscão.
 Não era a Sapiencia obscura, e arcana,
 Destes primeiros pais, mas doce, e clara
 Abria o Templo da vulgar Virtude.

Deste humilde principio, e tão pequeno,
 Surgio de Roma o desmedido Imperio;
 D' huma cabana s'estendeo no Mundo.
 Alli Romulo, e Numa as leis dictavão,
 Ao novo asylo universal chamando
 Do antigo Lacio indígenas incultos.

Além se via progressivamente
 Multiplicar-se sempre a especie humana:
 Mas passou mui depressa a idade d'ouro!
 A ferrea começou, e além se via
 Ir o robusto agricultor rasgando
 Com ferreo arado o seio á terra inculta;
 Sobre ella s'entornou suor primeiro.
 D' estranho tronco as arvores s' enxértão:
 Corta-lhe a foice os ressequidos ramos.
 Mas sem armas, sem rispidas cadêas,
 Porque inda o vicio a temerça frente
 Não tinha algado dos mortacs no berço.
 Se falta a Natureza, a industria suppre;
 Pois quanto as plantas por seu proprio instincto

Ajudadas do Sol , ferteis co' a chuva
 Nos espontaneos fructos produzião ,
 A' humana precisão já não bastava.
 Então das cultas , pampinosas vides ,
 Se tirarão primeiro os dons de Brómio :
 Então luxo ensinou tingir por fausto
 Co' a preciosa purpura de Tyro
 Do verme industrioso a tenue baba.
 Se a relva dava então tranquillos somnos ,
 A' sombra qu' espalhava o Freixo annoso ,
 E se estancava a sede á lynfa pura
 Do serpeante limpido regato ;
 Vélos se arrancão do innocente armento ,
 Que ao cançado mortal repousos prestão ;
 E o liquor salutifero se apúra ,
 Que restáura o vigor no inerte corpo.
 Por buscar novos , escondidos Mundos ,
 Da nativa montanha então se virão
 Cortados abater-se o Chôpo , a Faia :
 Já vem nas ondas contrastar co' os ventos.
 Para ajuntar as peregrinas mérces ,
 Lá vai duro mortal soltando as vélas ,
 No elemento não seu , do vento ás iras ;
 Mortal té agora ingenuo , e que outras praias
 Não tinha visto mais , qu' as do tranquillo

Regato qué lhe corta os patrios campos.
 A guerra assoladora , a guerra infausta
 Era ignota até alli , e em tristes côres
 Alli se via a fervida peleja.
 Na bigorna se bate a horrenda espada ;
 Em dura lança além s'alonga o ferro
 Mais avante s'erguia o forte muro ;
 As torres hião topetar co' as nuvens.
 Gozava a antiga gente ocio tranquillo :
 Ah ! que Furia infernal , que monstro horrendo
 Trouxe do escuro Inferno o facho accezo ?
 Que nuvem se elevou sangue estilando ?
 A raiva , o odio , a inveja o braço alçárão.
 Primeiro a Ingratidão nas mãos levanta
 O ferro atroz , sanguinolenta espada ;
 E peito a peito , d'ambigão levado ,
 Se combate o mortal ; chamou-se gloria
 Esse furor brutal , que avilta as feras ,
 Que poupão por instincto a propria especie :
 Tudo foi sombra , e confusão no Mundo.
 A raiva universal , honra se chama ;
 Tanto do humano coração se apossa ,
 Que julga estado primitivo a guerra !
 Augmentão-se as nações , o estrago cresce :
 Sempre o furor de dominar triunfa.

O que era o pai, o Sacerdote, o Nume
Da primeira familia, he já Tyranno!

De fero aspecto dibuxado estava
Sanguinario Nembrot qu'ergue seu throno
Sobre o pescoço das nações em ferros.
A Terra se povôa, o facho accezo
Não s'extingue jámais nas mãos das Furias.
Se hum throno se levanta, outro se abate.
Nos mais remotos angulos do Mundo,
Onde existem nações, a guerra existe.

Mas entre tantas retratadas gentes,
Que o ferro tem nas mãos, no aspacto as iras,
Eu vejo estar em solitario alvergue
Pensativos mortaes, longe, e mui longe,
Em doce paz, do estrepito, e tumulto.
Ao ar, ao portamento, á vista, ao móto,
Súbito conheci, que os sabios erão,
Que as sempiternas leis da Natureza
Em pró dos outros conhecer tentárão.
Com pertinaz estudo, e prompto engenho,
No grande livro do Universo estudão,
E com pasmosa distincção contemplão
Tão formoso espectaculo, tão vario.
C'os labios semi-abertos, os immoveis
Olhos pregados tem no ethereo assento,

Como que vão buscando o immenso , e certo
 Eterno gyro dos rotantes astros.
 He esta a occupação, este o deleite
 Do cubiçoso pensamento altivo,
 De assombro os enche maravilha tanta;
 Curiosidade da ignorancia he filha,
 Tão propria, e tanto da mortal essencia;
 Sómente ella produz sabedoria,
 Quando o veloz enthusiasmo atêa,
 E quando observa desusado effeito
 Da Natureza, ou Ceo, corre anhelante,
 Corre prompta, interroga, observa, indaga,
 E tenta descobrir quanto se off'rece
 A seu ouvido extatico, a seus olhos:
 Vai dos effeitos penetrando ás causas.
 Tal presupposto foi de antigos Sabios,
 Das cousas todas indagar as fontes.
 Da sciencia o amor, o amor do estudo,
 Entre os Sabios se diz Filosofia.
 Curiosidade, e ocio á Deosa derão
 (A quem he consagrado o Templo) a essencia.
 A's inda feras indomadas gentes,
 Mal acolhidas na choupana humilde,
 Communicou seus raios luminosos.
 Fez-lhes vêr de si mesma a imagem pura,

Apenas observou que accezos olhos
 Na abóbada dos Ceos apascentavão,
 Do sempiterno braço contemplando
 Essas sem fim. maravilhosas obras.

Depois que em tanto quadro a vista absorta
 Acabei de deter, novos objectos
 Minha alma toda subito me enlevão.
 Eis esculpidas novas maravilhas
 Nos aureos muros assombrado vejo.
 Sobre hum turquino fundo auri-luzente
 Fixas sempre n'hum ponto estrellas brilhão,
 A cujos lumes, trémulos, suspensos
 Pelos bosques Caldêos vejo os pastores,
 Imprimindo signaes na mole arêa,
 Da sabia Geometria as leis primeiras.
 (Dura, afanosa sapiencia, quanto
 Tu sabes levantar o engenho humano!)
 Co' a frente envolta em sombra além correndo
 Eu vejo o vasto fluctuante Nilo
 Do pingue Egypto os campos retalhando,
 Vejo-lhe em torno industriosa gente
 Medindo-lhe a compasso as turvas ondas,
 Esperando que o Ceo constante, e meigo
 O retorno annual decrete ás aguas;
 E, em quanto o interesse, em quanto o Genio

Dividem entre si fadiga , estudo ,
 Recebe nova luz a Geometria.
 Quã costuma romper d'alpestre rócha-
 Limpida fonte , e serpeando o campo
 Por entre as pedras vai com doce , e grato-
 Continuo estrondo , alimentando as flores ;
 C' huma fonte depois , depois com outra
 Sempre augmentando a crystalina vêa ,
 Que cresce , e passa a lucido regáto ,
 E , recebendo d'outros mil tributo ,
 O fundo leito alarga , e já bramoso
 Aqui começa a se fazer torrente ,
 Espuma , e freme , e se arrebatã , e foge ,
 De tanto , e tanto feudo enriquecido ,
 E soberbo de si no fundo Oceano
 Lá chega , lá confunde o nome , as aguas :
 Tal do seio da immensa Natureza ,
 Escuro seio , pouco a pouco trouxe
 O humano entendimento a luz brilhante
 E dest' arte raiou Filosofia ,
 Que foi por longos seculos juntando
 D'alma sciencia o perennal thesouro ,
 Suave fructo da innocencia antiga ,
 (Ah ! tão buscada em vão na idade nossa !)
 Em que fogo maior , mais viva chamma ,

Que essa que a boca do Vesuvio exhala,
 No seio do mortal fomenta o crime.
 Esse inquieto, e vil, ferreo desejo
 De possuir incommodas riquezas,
 Que partilha não são, por máo destino,
 Do que apascenta o coração tranquillo
 Na posse ingenua das sciencias todas,
 Com pertinaz estudo teve augmento;
 E do existente Mundo as leis, e as bazes
 Forão continuo emprego á mente humana:
 Mas nada lhe abastou desejo accezo,
 Que tão vivo cresceo, qual cresce o vasto
 De pequena faisca immenso incendio.
 Quando fixo encarou bellezas tantas,
 Lançou-se aos Ceos com generosos vãos,
 E dos astros o influxo, e o vario aspecto
 Ouzou descortinar; no eterno curso
 Pelos ermos do espaço os foi seguindo.
 E soberbo de si, não satisfeito,
 A seu profundo, e vasto pensamento,
 Co' a tócha acceza da Razão diante,
 Abre, piza, franquea ignóta estrada,
 Que mais, e mais se aplaina, e mais s'estende
 C' o porfiado estudo, e os homens leva
 Ao Templo augusto da immortal Verdade,

Que escondido não he , qual foi primeiro.
Ella pôde encantar Genios sublimes,
Cujas imagens em perennes bronzes
Em si conserva o magestoso Alcaçar.
Oh ! mui feliz o Entendimento humano ,
Se em taes indagações , se em taes estudos
Aprende a conhecer , e amar o Eterno,
Só de bens larga fonte , immenso Oceano !

FIM DO PRIMEIRO CANTO.



NEWTON,
POEMA.

CANTO II.

DA Sapiencia antigos amadores,
Os Sacerdotes do celeste Nume,
Ao sacrosanto Templo alto ornamento,
Com seus bustos em porfido formavão
Do magestoso altar decóro illustre;
Puro, innocente altar, onde a profana
Mão despiedada dos mortaes infrenes
Nunca posera victimas de sangue,
De que tanto se apraz da guerra o Nume,
Que o cego Fanatismo, ah! tão frequente!
Nas torpes aras da Ambição degolla.
São incensos aqui puros affectos,

E o remontado pensamento os votos ;
 São offerendas extases sublimes,
 Vôos da mente, que s'eleva aos astros,
 E corre o immenso espaço. Aquella Deosa,
 Que o berço tem nos Ceos, qu'he dom dos Numes,
 Que he mãe das Artes, e inventora dellas,
 De magestade, e de belleza cheia,
 Taes holocaustos no seu seio acolhe.

Vi, (qu' assombro!) de luz cercado o vulto
 Do primeiro mortal, puro innocente,
 Qual já das mãos do Creator dos Mundos
 Sahio primeiro, e dominou na Terra.
 Do Divino saber nasce ensinado,
 Das cousas conhecia a essencia propria,
 Impoz o proprio nome aos seres todos.
 E junto d'elle fulgurando estavam
 Em menos viva luz seus tardos netos,
 Que d'elle, como herança, alta doutrina
 N'huma idade de seculos colherão :
 De labio em labio aos pósteros a mandão
 Té qu' horroroso, universal Diluvio
 Fez que de todo agonizasse o Mundo.

Via logo a Noé, que intacto surge
 Do lenho guardador da especie humana :
 Aos filhos seus dos fulgurantes astros

O aspecto , o moto , as posições ensina.
 Sublime Sapiencia , e douto estudo ,
 Que tão illustres fez , depois da obscura
 Confusão de Babel , nações diversas ,
 O innocente Caldeo , o Arabe exterto ,
 Do Nilo o morador , mysterios todo ,
 E o Persa audaz idólatra do fogo.

Descubro a Prometheo , e o velho Atlante ,
 Em que a verdade a Fabula reveste
 Da Poesia co' as brilhantes côres.

Hum , com fogo dos Ceos , anima o barro ;
 Outro o pezo sustem do excelso Olympo.
 Vejo o profundo Trimegisto , e vejo
 O sublime Cantor harmonioso ,
 Que de Troia a catástrofe nos pinta ,
 Que , em brando verso , imagens lisongeiras ,
 Da Sapiencia os pennetraes nos abre ;
 A idéa em si contém das artes todas.

Pelas margens do Indo , e turvo Ganges
 Meditadores Brâmenes diviso ,
 Que em sombra muito espessa a luz envolvem ,
 E a verdade entre symbolos nos dizem.
 A Confucio Chinez descubro , admiro ,
 Que a voz escuta á sabia Natureza ,
 E firma o summo bem só na virtude.

Tres Zoroastros , que nas sombras plantão
 Luminoso fanal , que á Persia , e Egypto
 Das Artes para o Templo a estrada aplaina.
 Logo dois immortaes cantores vejo ,
 He Lino , e o doce Orfêo , que a Lyra d'ouro
 Com tanta fez soar maga harmonia ,
 Que docéis se tornou troncos , e penhas ,
 Que do cáhos no escuro horrendo centro ,
 Principio do Universo , Amor plantarão.
 Pensativo Beroso alli contemplo ,
 A quem de Athenas a famosa escóla
 Estatua alevantou d'ouro mais puro.
 A par d'elle he Chilon , que o dia extremo
 Sem pena , sem temor contente encára.
 Do tyrannico sangue alli manchado
 Pittaco á morte sobranceiro existe.
 Legislador Solon de brando aspeito ,
 Que com vasto saber enlaça Astréa ,
 As leis soube juntar Filosofia ;
 Dos bons Monarcas o modello he este !
 Depois Zaleuco vi , depois Carondas ,
 Ambos com justas leis Sicilia exaltão.
 No meio bem do taciturno alvergue
 De Pythagoras sabio o vulto admiro ,
 No rosto , e ar mysterioso em tudo ,

Que da Unidade , ou centro aos seres todos ,
 A origem fez sahir , principio , e causa.
 Cleóbulo descubro , elle a formosa ,
 Sabia filha gentil conserva ao lado ,
 Que da engraçada boca em aureo rio
 Eloquentemente entornou Filosofia :
 Ah ! nunca aos homens se mostrou tão bella !
 Admiro mais além Biante o sabio ,
 Que digna só julgou de humano estudo
 Moral , que na virtude a alma levanta ,
 Em sua mesma magestade occulta ,
 Deixando a Natureza , enigma escuro ,
 Indecifrável aos mortaes mesquinhos
 Em quanto em fragil barro a alma se prende.
 Periandro alli vejo , e vejo o Scytha
 Anacharsis , Filosofo profundo ,
 Cujos nome immortal materia , e fama
 Deo neste ferreo tempo ao douto escrito ,
 Que a Grecia em si contém , co' a Grecia tudo.
 Vejo a Misson , que symbolo o destingue ?
 O nobre , e nobre só , proficuo arado ,
 Que o seio rasga á terra agradecida :
 Delle se peja a estólida vaidade ;
 Do Filosofo á vista he mais que hum Sceptro :
 Na cultura do campo o sabio he grande ;

Nem póde o estudo ter mais digno objecto ;
 E nunca outro mister , nunca outras artes ,
 Com mais afan buscasse o engenho humano !
 Celeste Agricultura , oh digno emprego
 Té do mortal primeiro inda innocente !

Eu distingo Epiménides , que deixa
 A escondida caverna em que medita ;
 Aos homens vem mostrar da luz os raios
 Ferécides , Bericio , e aquelle observo ,
 Que a Fýrgia vio nascer sublime , e douto ,
 Que em lisongeiras fabulas esconde
 Quantas depois lições do justo , e honesto
 O Pórtico sublime , a Estóa derão.
 Thales descubro então , braço da Jonia ,
 Que he da primeira escola excelso mestre ,
 Que á Grecia deo lições , deo luz , deo tudo
 Quanto soube alcançar de Astronomia
 Do portentoso vidro o olho despido.
 Elle primeiro do Solsticio o ponto
 Sobre a Terra observou , e elle primeiro
 Predisse aos homens pavoroso eclipse ,
 Que rouba a luz á Terra , e a paz ao peito ,
 Deste mysterio assustador ignáro.
 Elle o principio assignalou do Todo ,
 O humor aquoso que circunda o Globo.

Vejo Archeláo , observo Anáximandro ;
 Este infinita julga a Natureza ;
 (O' Portuguez Hebrêo , tal foi teu erro !)
 Aquelle julga que as primeiras causas
 Só são da geração calor , e frio.
 Anaximenes , do Orador Romano
 Sempre admirado , alli contemplo , admiro ,
 No móto eterno da substancia eterna
 A essencia poz de hum A'rbitro supremo ,
 E deo ao Mundo por principio immenso
 A substancia do ar , vasto , infinito.
 O profundo Anaxágoras diviso ,
 De fundos olhos , de enrugado aspeito
 Prolixa barba , atenuado corpo ,
 Que ardente pedra incombustivel julga
 O luminoso Sol. Vai branco , e curvo ,
 Calva a rugosa frente , a tez sombria ,
 O portentoso Sócrates , o justo ,
 (Quanto o ser póde a Natureza impura)
 Attento sempre ao movimento interno
 Do humano coração , regeita , e mófa
 Dos vãos systemas fysicos do Mundo ,
 Que á mente dos mortaes ignotos deixa ,
 E se apraz de deixar motor Superno.
 Só da austera moral segue as pizadas ,

E avezado o mortal ás vans idéas
 Da vacillante Fysica, o procura
 A estudo reduzir da essencia propria.
 Só quando o homem se conhece he sabio!

Vejo Aristippo, Antísthenes descubro;
 Hum busca o summo bem no inerte, e baixo
 Prazer que encanta os corporaes sentidos:
 (O' lisongeiro do soberbo Augusto,
 Teu systema tal foi, teus aureos versos
 Aristippo sómente, e Amor respirão!)
 Porém, mais sabio Antísthenes encontra
 Só d'alma no prazer ventura extrema;
 Este o primeiro da assisada turba
 Do Cynico mordaz. Crates contemplo,
 Que julga inutil pezo a vã riqueza,
 E no abysmo do mar com ella esconde
 O inquieto temor, voraz cuidado.
 Alli Monimo admiro, e Zeno, e Hiparco,
 Vejo a vagante habitação do sabio
 Diógenes pasmoso, e alli defronte
 Em pé contemplo o assolador do Mundo;
 Da esquerda parte inclina hum pouco a frente,
 E a fluctuante clámyde lhe arrastra;
 (Pende-lhe ao lado o ferro), e d'elle em torno
 Calisthenes contemplo, e mudo, e quedo

O grande Efestião. Elle alça o braço
 De quem Persia se teme, e teme o Ganges,
 E ao pobre habitador da cuba off'rece
 Seus thesouros, seus dons: tranquillo, e grande,
 Só lhes pede que ao Sol não véde as luzes,
 Nem lhe tolha o calor que ao frio, inerte
 Corpo negado tem Frugalidade.

Se houve grande Filosofo, he só este!
 Com taes lições, já Menedemo he grande,
 Que hum só bem conheceo, e he só virtude.

Euclides vejo, e Pontico, avezado
 A' contumaz contradicção de tudo.

Vejo Estilpon magnanimo, que a intonsa
 Cabeça traz, e descoberta sempre:

Pobre o vestido tem, e os pés descalços,
 Com elles piza a vaidade, o fausto,
 E quanto pede o coração lhe nega.

O' grande Preceptor do ingrato Nero, (1)

(1) Creio que se não póde dar nem mais justa, nem mais merecida Apostrofe. Nós já não temos Seneca, temos os escritos de Seneca; nunca os volto, e os medito que me não sinta maior. Eu chamo a cada huma de suas paginas *o entusiasmo da virtude*. Huma palavra de Seneca he hum discurso que mostra, e que persuade a nobreza do Ser hu-

Se isto não foi teu animo sublime,
 Ah! são por certo teus escritos isto!!

Diofante, Apolonio, eu bem distinguo,
 Tem nas mãos o compasso; e tem na terra
 Immoveis sempre os encovados olhos;
 Alli descreve as trabalhosas curvas:
 Além disto não mais surge esta idade;
 Nem mais Euléro diz, nem mais la Grange,
 Profundo D'Alambert, e o que entre os Astros
 Parece andar, meditador La Place,
 Que o vasto genio, que penetra abysmos,
 Lança de Sol em Sol, de Mundo em Mundo,
 Té devizar do Tcdo o immobil centro!
 Tu mesmo, ó Galilêo, tu mesmo, ó Newton,
 No labyrintho das cruzadas linhas,
 Não mais atinas co' a dourada chave,
 Que abre, e franquea da verdade a porta,
 Dentro em cujos alcáçares se guardão,
 Da Natureza as leis, e aos seus mysterios!
 De hum Estoico rigor seguindo a trilha

mano, a pequenez da Terra, o encanto da Immortalidade. As sublimes Elegias de Young embriagão-me de amor pela morte, a Razão em Seneca inspira-me o desprezo da vida.

Eu vejo envolto em seus possiveis Zeno.
 De veneravel rosto, accezos olhos,
 Eu descubro Platão, Platão que o Nume
 Nos objectos que vê, contempla, adora;
 Que a novo Amor dá luz, e alegre espera
 Que a seu astro natal sua alma torne.
 O' sublime doutrina, ah tu podeste,
 Dentro da Escóla de Florença outr'ora,
 O eloquente escutar Policiano;
 Se as letras tem na Europa apreço, estima,
 Se em seu amor se me embranquece a frente,
 A tão sabio mortal, tão grande o devo!
 Este o tributo, que meus versos pagão:
 Que mais te posso dar? Teu nome he tudo.

Vejo Espeuzippo imitador da grande
 Virtude illustre de Platão sublime:
 Teve commum com elle, o estudo, o sangue;
 E a baze eterna lança á Academia,
 A quem deo nome o milagroso Tullio.

Da belleza inimigo, e da ternura
 Xenócrates descubro austero, e triste,
 Vergonhoso baldão da especie humana,
 Que, nem ao mago scintilar d'huns olhos,
 Nem ao sorriso de purpureos labios,
 E ás aureas ondas de madeixas d'ouro,

Sente no peito a Natureza toda,
 Que até do fundo abysmo aos monstros feios,
 E ao sanguinario Tigre, amar ensina.
 O pertinaz Arcesiláo na escóla
 O segue, duvidando, a alma suspensa
 Entre a diversa opinião conserva.
 A imagem de Carnéades descubro,
 Da nova Academia he timbre, he gloria,
 Cuja alma excelsa da verdade indaga,
 Entre o provavel sempre, a estrada incerta,
 Pythéas vejo que do antigo Sabio,
 A quem Samos talvez já dera o berço,
 Vai seguindo as pizadas, e se julga
 Continuo habitador de corpos varios.
 Este aos Ceos proporção, este a medida
 Primeiro assignalou; dos aureos astros
 Para hum centro commun conhece o móto,
 Naquelle antigo symbolo mostrado
 Da septicórde auri-sonante Lyra,
 Que Febo tem nas mãos, que o Vate inveja;
 E se lhe antolha, que escutava ao perto
 Sempiterna, multiplice harmonia,
 Da Esfera portentosa alto-brilhante.
 Talvez nelle encontrasse o germe, a fonte
 De seu systema de attracção, sublime

Infatigado explorador Britano. . . .

Meditador Empédocles já vejo ,
 Que julga (oh fraco dos mortaes discurso!)
 Suor do terreo Glóbo o vasto Oceano:
 D'aqui veio talvez, Buffon facundo ,
 Esse teu vapor humido , que a Terra,
 Destacada do Sol, e ardendo em fogo
 Ao mais subido da atmosfera, exhala,
 E cahindo de lá se fórma em mares!

Do Italico saber brazões sublimes
 Tidas , e Architas fulgurando admiro;
 Ambos julgavão cada estrella hum Mundo.
 Suspenso pelo ar alto , infinito ,
 Onde hum astro central preside a muitos
 Rotantes globos , que em si mesmo opácos.
 Reverberante luz delle recebem:
 E no Globo gentil da argentea Lua
 Mares , selvas, montanhas supposerão,
 E de Ser pensador fecundo alvergue.
 Este nas margens do revolto Sena ,
 Que hoje escravos só vís , só ferros banha,
 Teu pensamento foi, sublime engenho ,
 Quando d'hum Mundo n'outro Mundo ignóto.
 Levaste a passear matrona imbelle ,
 Do prazer filosofico em ligeiras

Azas de accezo enthuziasmo ouzado.
 Tal foi a idéa de profundos sabios,
 Que tão soberba opinião vestirão
 Das côres da razão, qual tu fizeste
 Nessa pasmosa, êxtatica viagem
 Com que, ó profundo Képler, te lançaste
 Por entre os astros aos confins do Todo.
 Na escura tez Prothagoras conheço,
 Que entre sophismas envelhece, e nega,
 Oh sacrilega audacia! hum Deos ao Mundo,
 Nem vê na grande architettata mole
 De hum Ser eterno a mão regaladora!

Cheio de assombro, e maravilha fito
 Na imagem de Demócrito meus olhos;
 Abdera o vio nascer, e a mente excelsa
 Na grande esfera da sciencia entranha.
 Vejo a par delle Heráclito, que chora
 Ao triste aspecto da miseria humana,
 Em quanto aquelle no incessante riso
 Com soberba indiscreta o Mando insulta:
 Ambos no excesso opposto hum erro abrange,

Vejo a Pirron que pertinaz duvéda
 Do que tem da verdade o cunho impresso;
 Muda sempre de côr, muda de aspecto,
 He duvidoso, e vacillante sempre;

Filosofico orgulho , quanto , e quanto
 Se fecundou teu germe em peito humano !
 Teu scepticismo do erudito Baile
 Os escritos manchou , que espalhão sombras,
 N'hum ponto unindo o verdadeiro , o falso !

Entre guerreiras maquinas envolto ,
 Entre abrazadas náos vejo Archimedes :
 Cheio de palmas , de laureis lhe chora
 De Siracusa o vencedor , a morte ;
 Foi esta a vez primeira , ó grão Marcello ,
 Que sobre a Terra fez Heroes o pranto !
 Illustre pranto , que aligeira ao Mundo
 O ferreo jugo do Latino Imperio !

Eis descubro Epicuro , o vulgo insano
 Nelle descobre hum ímpio , eu vejo hum sabio
 Frugal , modesto , taciturno , humilde ,
 Que d'alma no prazer , puro , e sincero
 Suprema quiz constituir ventura.

Entre viçosas arvores se assenta
 De hum ameno jardim ; medita , ou finge
 Os infinitos átomos no vácuo ,
 D'hum laço casual produz os Mundos.
 D'alma foi erro , e da vontade engano ,
 Não passa ao coração ; tranquillo , e puro
 Ama a virtude. O' Seneca , foi este

Teu pensamento quando instrues Lucilio.
 Mas erraste; he quimerica a virtude
 Em quem della não vê n'hum Deos a fonte:
 Quem no acaso conhece o author do Mundo,
 Se não erra, e blasfema, então delira!

Eis d' Estagira o Genio, eis o prodigio
 Talvez, talvez maior que a Grecia vira.
 Do Mundo he mestre, a Natureza he sua,
 Não se confunde o Peripáto, e elle:
 Elle foi luz, o Peripáto he sombra.
 Não he seu mór brazão ter visto o Mundo,
 Do Mundo o vencedor posto a seu lado,
 Pois de Alexandre, que conquista a Terra,
 Só devia Aristoteles ser mestre.
 He seu tymbre maior ter da sciencia
 Quasi o infinito circulo corrido.
 Inda em seus livros que a ignorancia altera
 (Ignorancia dos Arabes soberba)
 Saber encyclopedico descubro.
 Se hoje tudo he Buffon, se Plinio he muito,
 Senão fora Aristoteles, não forão.
 Bem como hum Nume ao Mundo as bases lança
 Quando no instante productivo o manda
 Sahir do centro do confuso cahos;
 Assim das artes, das sciencias todas,

Quasi no cahos da ignorancia envoltas ,
 Lança o grande Aristoteles as bazes.
 Quando deixou de perseguir o Mundo
 A Sapiencia , o merito , a virtude ?
 Tristes aves da noite a luz odéão :
 D' Athenas Aristoteles se esconde ,
 Em voluntaria morte asylo encontra.

Na sublime cadeira então se assenta :
 (E alli brilhando estava) o douto, o grave
 Da Natureza interprete Theofrasto ;
 Desgraçado Calisthenes lhe escuta
 As sublimes lições , e o grande Eudemo ,
 E a respeitavel multidão dos Sabios ,
 Affeitos sempre a passear pensando.

Do Tybre a escravidão , do Tybre os ferros
 Tornão de Athenas , e Corintho o fasto
 Em pobre aldêa , ou lastimosas cinzas :
 Eis se transplanta a Sapiencia a Roma ;
 E , se da Gloria o Templo as armas abrem
 A seus grandes Heroes , tambem seus Sabios
 No eterno Templo da Sciencia eu vejo.
 Entre todos mais luz , talvez mais clara ,
 Que a que se espalha dos Argivos bustos ,
 O portentoso Cicero derrama !
 Nenhum Sabio formou do Eterno Nume ,

Entre as sombras Pagans , mais alta idéa!
 Elle incorporeo , immenso o considera,
 De eterna Providencia, Amor eterno,
 Existente por si , e author do Todo.
 Por certo entre os mortaes nenhum té agora.
 Tão profundo saber juntou co' a rica
 D'aurea eloquencia exuberante véa!
 Do Epicureo Lucrecio então descubro
 O pensativo , e descarnado aspeito :
 O centro tira do Universo , e Mundos.
 Infinitos julgou no immenso espaço.
 Alli vejo Epitecto , humilde escravo ,
 Mas entre os sabios soberano , e livre ;
 Cujá fragil alampada hum thesouro
 Entre as joias valeo da antiga Roma.
 Vejo o vulto de Seneca , seus olhos,
 De huma luz ardentissima , levanta
 Meditabundo ao luminoso assento ;
 Piza as salas fataes d' ébano , e d'ouro ,
 Onde o materno sangue hum Nero entorna,
 Onde jaz de Germanico o cadaver.
 Seneca o monstro louva , e s' entristece :
 Dependencia d' hum throno a quanto obrigas!
 Pequeno em obras he , grande em sciencia ;
 Elle a vida antepoz ao justo , ao pejo ;

Por ella perde de viver as causas :
 Mas em seu gremio o tem Filosofia ,
 Só porque disse que ás acções internas
 He presente hum Juiz , presente hum Nume.
 Roma nelle acabou. Na foz do Nilo
 Imperial Alexandria surge ;
 Ella produz o Eclectico Potámon ,
 No Templo vejo fulgurar seu rosto.
 Da bella Hypacia a formosura brilha ;
 Eloquencia , e saber da boca entorna
 Entre suaves halitos de rosas ,
 Que transportado Origenes lhe escuta.
 Em sua escóla Próculo se exalta ,
 Amónio , Celso , Jamblico , e Porfirio ,
 Que mal sabido Platonismo illude.
 Vejo n'hum throno , sobranceiro a muitos ,
 O magestoso vulto auri-esplendente
 Do novo Tullio , o fluido Lactancio ,
 Talvez maior, que o Consular de Arpino.
 Não era longe d'elle , em sombra envolto
 Da prizão melancolica , Boecio ;
 Vai banhando os grilhões d' amargo pranto
 Té que raiando vio Filosofia ,
 Que as sombras rompe , as lagrimas lhe enxuga.
 Profunda escuridão , profundo luto

No vasto Imperio das sciencias pousá ;
 Onde apparecem Vandalos , acabão.
 Quaes vimos entre nós do Sena os monstros ;
 Virem das artes derrubando os Templos ;
 Vem do gelado , tenebroso Arcturo
 Bando , de morte , e de ignorancia armado ,
 Apenas ficão gárrulas escólas ,
 Que hum só busto não tem no eterno Templo ;
 Té que dos gelos da Sarmacia surge
 Copérnico immortal ; este o primeiro
 Que alli se manifesta , alli fulgura
 Entre os astros envolto , entre as esferas :
 Vio Sol immóbil , vio todar a Terra ,
 E apenas o immortal pasmoso escrito
 Ao respeito dos seculos entregá ,
 O templo angusto da sciencia todo
 De protentosos sabios se povôa.
 Eis se me amostra Galilêo , dos astros
 O novo Cidadão ; tem curva a frente ,
 E descarnadas mãos co' as vís cadêas.
 Cinge-lhe Jove na enrugada testa
 As que elle achára incognitas estrellas.
 Da antiga Rhesia vejo o alto ornamento ;
 He Bernúilli immortal. Na margem fria
 Do discordante Baltico diviso

O grande author das Mónadas , que encontra
 No composto mortal mága harmonia
 Entre a composta, e simplice substancia.
 Nascido a meditar, modesto , e mudo,
 Da nebulosa Hollanda em canto escuso,
 Do grão Des-Cartes magestoso vulto
 Entre as sombras , e a luz plantado admiro.
 Hum Globo tem aos pés, nas mãos hum facho,
 Que ao Globo espanca as trévas da ignorancia.
 Legislador sublime além brilhava,
 Verulamio infeliz ; primeiro as portas
 Da recatada Natureza abria.
 O desprezado ácinte , e ignoto a muitos,
 O frugal Espinosa aqui surgia. (2)
 Errou que he homem, mas errou com elle
 Toda a escóla Eleática , e tu mesmo,
 O' Seneca immortal, com elle erraste :
 E Campanéla, e Bruno , e a nós mais perto,

(2). Deve entender-se o termo — frugal — no sentido proprio de sustento parco ; pois diz Collero , que se sustentava de sopas de leite . e passas , e era tão modesto nos vestidos , que trajou sempre de preto , e de mui grosseiro panno ; respondendo ao Gran Pensionario da Hollanda , que lho estranhou : — Que o edificio humano escusava de ricas armações.

Contradictorio Mirabaud, deliras.
 Mas quem, profundo Hebreo, te nega engenho?
 Em força d'alma hes unico entre todos
 Os que além penetrar julgão que he dado.
 Do que foi dado a pensamento humano.
 Eu te posso impugnar, e outros te insultão:
 Talvez eu sorte igual no Téjo alcanço,
 Não penetrando da Sciencia o Templo,
 Porém no ingénuo dom d'ingenuos versos,
 Que a si por premio tem, por méta a Patria:
 Béja te deo teus pais, teu berço o Douro:
 Alguma cousa tens commum comigo.

Alli d'Hombergio, Mallebranche, e Locke
 Os aureos bustos luminosos s'erguem,
 Que em transcendente fluido brilhante
 Para hum Mundo ideal seus passos guião,
 E, as sombras methafisicas rompendo,
 Sem fallar ao sentido, ás almas fallão,
 Abrindo o geometrico compasso
 Quantos talentos assombrosos vejo!
 Entre o Germano agudo, e ameno Franco
 Do Italico saber vejo os milagres.
 O que Diofante, o que Apolonio excede,
 Do grão Toscano a par, brilha Viviani.
 Sexo, sexo gentil, na Italia hes grande;

Nos Labyrinthos do profundo Euclides
 A formosa Ardighelli, e Agnesi (3) entrarão;
 Outra Laura (4) maior que essa, que outr'ora
 Do Vate, todo amor, deo força á Lyra,
 Nos penetraes da Natureza entrando,
 A Spallanzani explica altos mysterios.
 Com ella, Boscovich, subiste aos astros;
 Não te vence hum Maraldi, nem Cassini:

(3) Destas duas mulheres sabias, que a Italia admirou no seculo passado; tem certamente a preferencia a segunda, Maria Caetana Agnesi, cujo illustre sangue, virtude, e profundo saber honrão Milão sua patria, onde falleceo Freira em 1799. Compoz duas Obras de Mathematica de muito merecimento, huma com o titulo de *Instrucções Analiticas*, 2 vol. de 4.^o — Milão 1748; e outra intitulada *Tratados elementares de calculo differencial, e de calculo integral*. Ambas estas Obras se traduzirão em Francez, e sahirão á luz em Paris no anno de 1775.

(4) Laura Bassi, mulher doutissima, natural de Bolonha, onde falleceo em 1778, mereceo por seus talentos o barrête de Doutor; e adquirio summa reputação no Orbe litterario ensinando Fysica experimental desde 1745. Conhecia perfeitamente a Litteratura Grega, Latina, Italiana, e Franceza; e era admirada pelos maiores sabios do seu tempo. Spallanzani lhe dedicou huma Dissertação sobre a causa das chapeletas, ou saltos successivos que vai fazendo na superficie da agua qualquer pedrinha a tirada obliquamente.

Talvez, talvez, que a formosura, ás graças
 Me pareça que dão luz ás Sciencias:
 Algarotti, teu vulto alli contemplo;
 Tu grato foste ao Salomão do Norte;
 Porém mais grato a mim, e ás Artes foste:
 Entre o fulgor da purpura mais brilha,
 O' grande Passionei, a tua imagem;
 Isócrates te cede, ainda que venha
 Do grão pézo dos seculos seguido;
 Não tem que oppôr-te; ou que te iguale o Sena:
 E menos tem que equiparar-te o Mundo;
 Encanto omniscio, universal Roberti.
 Não me cega a paixão, que ao Tibre eu guardo,
 Nem o clarão de Italia sciencia
 Tanto me cega; e me deslumbra tanto,
 Que não veja raiar no Templo Augusto
 D'Anglia, e Germania os portentosos sabios.
 Alli d'Hobbes descobro a imagem triste;
 Alli vejo Stanley das Artes Livio;
 E o que nasceco para illustrar o Mundo,
 Desde o frio Danubio, o grão Bruckéro;
 E Kant, a si clarão, e enigma a todos.
 Alli brilhava Degerando illustre,
 Que em mui douto suor banha os escritos,
 Que eterno o fazem nos umbraes da Gloria.

De ti, Filosofia, ávido amante.
 Meigos olhos lançou tambem no Téjo
 (Quando ha de, ó Téjo, conhecer-te o Mundo?)
 E entre inda sombras Arabes, descobre
 O profundo Vernei, o ameno, o rico:
 E que dissera se encontrára Nunes?
 Astros, astros do Ceo, predeo-vos este,
 E o subtil instrumento ao nauta entrega,
 Ao nauta Portuguez, senhor dos mares:
 Sem elle Cook o Globo ah! não cortára!
 Mas lá foi Magalhães sem elle, e cerca,
 Porque a si se levava, o mar, e o Mundo!
 Tu nos meus versos mofarás do Lethes,
 E a gloria que te nega a Patria ingrata
 Em suaves canções te outorga hum Vate.
 Ah! permittira o Ceo, que o preço humano
 A' morte não pagára alma tão grande!
 Eu não deprimo o merito, o talento;
 Naquelle alcáçar resplendente estava
 (Deposto hum pouco o Tragico cothurno,)
 O florido Voltaire, Sceptico illustre,
 Emilia tinha ao lado, Emilia o tymbre
 Talvez maior do feminil engenho;
 Com ella corre a passear nos astros.
 Eu lá vejo Nollet, Brisson descubro;

Salpicado Bailly de fresco sangue ;
 Indagador Somini a quem Fortuna ;
 Se honras na vida deo , na morte as néga ;
 Vive em sciencias , na pobreza expira.
 Além dos mares a Franklín descubro ,
 Que o raio foi prender nas mãos de Jove.
 De Prussos vejo o busto ; o nome ignoro ,
 Ou barbaro talvez não cabe em versos ;
 Aurea lingua do Téjo em vão procura
 Em seus cadentes números suaves ;
 E na Lyra ajustar , que a Grega imita ,
 Os aëres sons dos Hyperboreos nomes :
 Mas não faz dura a metrica harmonia
 O teu nome , ó Linneo , tu sacerdote
 Do Sanctuario d'alma Natureza ;
 Alli vejo teu busto , alli cercada
 A frente tens de peregrinas plantas ,
 E tu , qual novo Adão , dás nome a todas.
 Hum ramalhete de purpuras flores
 A Europa , a Lybia , a America t'offrece ;
 A Asia , de tantas maravilhas cheia ,
 Das margens do Mecón , do Ganges , do Indo
 Grinaldas te prepara , e lá tas manda ,
 Tão bellas quaes as pinta o China astuto :
 Ceilão entre seus balsamos as tece .

E o suave vapor , que a Aurora exhala ,
Lá no berço onde nasce , e espalha rosas ,
Em dourados thuribulos te envia.

Não tiverão os Reis , tributos destes !
Ao poder se negou , dá-se á sciencia.

Maior gloria me chama , hum novo busto ,
Que , entre todos maior , mais luz derrama.
Este he Buffon , quo não mortal parece.
He seu louvor universal silencio :

Nem lingua humana diz , nem mente abrange
Tudo o que foi Buffon ; contemplo , e calo.
Se he mais que a Poesia , he mais que humano
Rafael co' os pinceis , Buffon co' a lingua . . .
Só Natureza he mais , porque elles morrem ;
Morte , e não ella , taes rivaes supplanta.
Só Newton he maior ; que entrego a palma ,
Não ao que pinta , ao que conhece as causas ;
Se este he só venturoso , este he só grande.

Com tanta luz attonito , e suspenso
Volvo os olhos de hum lado , e bem no meio
Do magestoso Templo o altar estava.
Por argenteos degrãos se avança e sobe ,
Mas com trabalho , á base alabastrina.
Alli sentada Experiencia estava .
Eu prompto a conheci no rosto antigo .

Na longa veste , e diamantina tarja ,
 Em que esta li gravada , aurea sentença :
 „ Das cousas mēstra eu sou , dos homens mēstra , „
 N'hum quadrado Geometrico se assenta
 O sacrosanto altar , e em cima posto
 Vi , como hum vaso de alabastro puro ,
 Que não de Fidias o cinzel abrira ;
 Teve artifices dois , Estudo , e Tempo.
 Do seio lhe rompia etherea chamma ,
 Que ante o Nume brilhando aos Ceos subia
 Inextinguivel lampada , que os annos
 Vão augmentando progressivamente.
 Formão á Deosa os seculos hum throno
 Mais que os rubins precioso , e mais segura
 Materia tem , que o sólido diamante.
 Tem cheio o rosto de viveza , e graça ,
 Que amor no humano coração desperta ,
 Que encadêa a vontade , a alma levanta.
 D'estatura commum se me antolhava ;
 Mas logo a vi subida até co' a frente
 Ir topetar na abóbada do Templo.
 De fios subtilissimos tecidas ,
 Mas de materia indissoluvel , erão
 As vestes que ella traja , e que formadas
 Forão por ella mesma , obra pasmosa ,

Que do candido pé , ao collo eburneo
 Forma diversos grãos : hum véo sombrio
 (Por mão proterva lacerado em parte)
 De negra antiguidade a envolve toda ;
 Nas mãos tem livros de diversas linguas ,
 Onde eleva tambem dourado sceptro.

Absorto , á quasi omnipotente Deosa
 Todo me inclino , a magestade acato.
 Titubeante , e tremulo dest' arte ,
 Soltando a voz hum pouco , á Deosa fallo :
 „ O' tu , do estudo emprego , ó Madre excelsa
 Da intelligencia dos arcanos todos
 De que he fecundo o Ceo , fecunda a Terra ;
 Tu da verdade indagadora , e facho
 Luminoso da vida. O' tu do vicio ,
 Tu da ignorancia rispido flagello ;
 Tu , que és tudo ao mortal , que és luz , que és vida ,
 Ante os teus olhos me conduz Fadiga :
 Misero Vate eu sou , no peito acólho
 Desejo de saber : sempre afanoso
 Apoz a imagem da verdade eu corro ;
 Mas a alma envolta em sombra , em sombra os olhos ,
 Enigmas vejo só , eu palpo enigmas :
 Sentir , gozar , não perceber , he esta
 Da existencia mortal partilha , e obra . . .

Mas qual te vejo , ó Deosa , e que orgulhosos
 Amadores te cercão ! Que ignorantes
 Do acatamento , que a teu lume immenso
 Devo sempre guardar o engenho humano !
 Deve , qual pobre , pequenino rio ,
 A quem agua não deo caudal torrente ,
 Correr tranquillo , e murmurar nas pedras ;
 Ao Pastor innocente , á Nynfa ingénua
 Objectos de prazer offerecendo .

Mas o desejo audaz , e o louco orgulho .

O torna rio impetuoso , e bravo ;

Soberbo , ufano vai d' agua não sua .

Eis se despenha , qual torrente Alpina ,

E os campos cobre furioso , e turvo ;

Leva consigo os troncos , leva os gados ,

Leva o Pastor , e a misera choupana ,

Té que cesse do ar fecunda chuva :

E , serenado o Ceo , primeiro orgulho

Então depõe deixando a marge , enchuta . ,

Mais quizera dizer ; eis que o grão Nume ,

Fitos em cuja frente eu tinha os olhos ,

Soltou dos lábios divinal sorriso ,

E , doce voz alcvantando , exclama :

„ Podem , meu filho , eternizar no Mundo

O mesquinho mortal meus dons sublimes ,

E as idéas altíssimas , e claras ,
 Que eu co' a mão destra na sua alma imprimo ;
 Comigo , e o sentes tu , do pezo humano
 Se livra , se desfaz o entendimento ;
 Ao alto sóbe , e se remonta , e chega
 Comigo aos claros Ceos , comigo entende
 Mysterios profundíssimos , e entra
 Da Natureza nos occultos seios.
 Essa Eterna Razão por mim conhece ,
 Que se diffunde no Universo inteiro ,
 A , que mora no germe , occulta força ,
 A que a tudo dá fôrma , e dá figura.
 Por mim , por mim conhece a origem d'alma ,
 Qual tenha em corpo humano assento , e throno ;
 A que fim s'encaminhe , e quaes s'encontrem
 Ou desgraças , ou bens , na vida , e morte .
 Eu torno bello o Mundo ; aos homens móstro
 Da sapiencia , e da verdade o Templo ,
 Se ingenuos querem vir após meus passos ,
 E contemplar por mim o alto principio
 Das cousas em si mesmo , os grãos , e os tempos ,
 Que a tudo tem prescripto a mão do Eterno .
 Eu'os levanto a conhecer hum Nume ,
 Obedecer-lhe , e venerallo sempre :
 Delle , e só d'elle a pressentir em tudo .

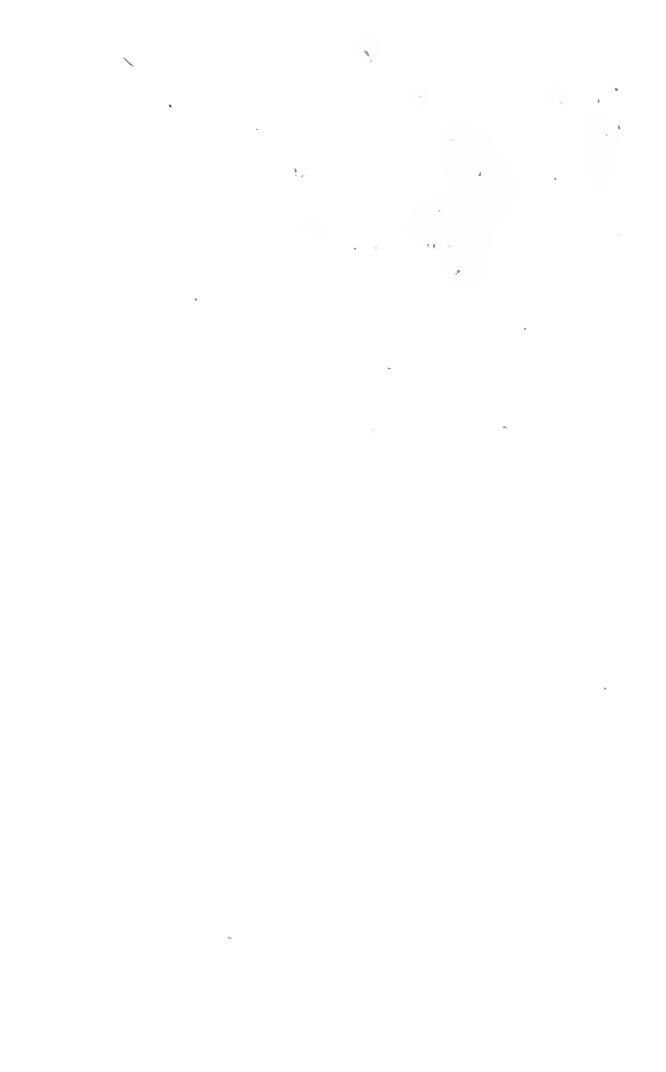
A lei, e ordenação; eu só lhe ensino
 A dar justo valor, dar justo apreço,
 Ao que se mostra ou verdadeiro, ou falso.
 Se o prazer, a que he mixto o pranto, a magoa,
 E o pungente pezar, que he tardo sempre,
 Os homens sabem condemnar, eu mesma
 Seu peito aclaro, o coração lhe inflammo;
 He meu proprio este dom. Por mim descobrem,
 Que he só feliz na Terra, he só potente
 Quem se domina a si: Guia incorrupta
 São minhas luzes na intricada senda
 Por onde incerta corre a humana vida
 Da origem sua, e de seu termo ignára.
 Eu primeiro lhe aceno, eu lhe preparo,
 (Depois Religião, que he só, que he tudo)
 Séde no Ceo, qu' eternamente he bella.
 Do Christianismo hũ mestre, hũ sabio, hũ grande,
 De Alexandria nas escolas douças,
 D' alta verdade, que dos Ceos foi dada,
 Pedagoga me chama, eu sou por certo
 Quem da luz da Razão, da Natureza
 Leva os mortaes a acreditar mysterios,
 Qu' á razão não se oppõe, mas são mais altos.
 Tem por base segura a Omnipotencia,
 Quando visivel se mostrou na terra.

Mas eu desço contigo ao Templo augusto ;
 Qu'inda que erguido o vez, não he distante
 Da terrea habitação do engano , e minha.
 Olha , admira , contempla a excelsa móle,
 Premio d'hum Grande, que he brazão do Mundo :
 Este he d'honra immortal o alto ornamento,
 Que eu mesma á Gloria consagrei , com elle
 De hum Pontifice meu premio as obras ,
 Elle as minhas expoz , dou premio ás suas. ,,
 A Deosa emudeceo , á dextra eu volvo
 (Nunca confuso assim) trementes olhos ;
 E no meio da luz brilhante , e pura
 Soberbo alçar-se Mausoléo descubro.
 De Newton vi gravado o nome excelso
 N'hum pórfido immortal , que nem d'Augusto ,
 Ou no Tybre cubrio geladas cinzas ,
 Ou do Grande Pompêo fechou no Nilo
 Restos chorados do implacavel Julio.
 Depois que vezes mil no estranho , e grande,
 Monumento fitei pasmados olhos ,
 Por longo tempo contemplando absorto
 Aquella d'alto engenho obra estupenda ,
 Ao Britanno immortal sagrei com votos
 Inteiro o coração , minha alma inteira.
 D'estima este o tributo , o feudo he este ,

Que eu primeiro paguei , Nação pasmosa ,
 De quem o Mar he todo , a Terra he quasi.
 Mas eu sou Portuguez , e armas não podem
 Alhéas deslumbrar-me ; eu vejo as Lusas ,
 Cuja gloria tu vês no vasto Oriente ,
 E , onde levantas triplíce bandeira ,
 Primeiro o nome Portuguez encontras.
 Eu não te invejo a gloria , nem thesouros ;
 Se de Safyras atulhados cofres ,
 Fios de brancas Pérolas , se finos
 Luminosos Rubins d'Asia recebes ;
 Já d'Asia hum Portuguez trouxe mais qu'isso :
 Do Indo , Hydaspe , e Gange as aguas trouxe
 Dentro em barro Chinez ; e era Atayde.
 Será maior teu Rodney , ou teu Nelson ?
 Nem teu Monk he maior , se o Sceptro engeita ,
 Em Regia frente o Diadema pondo.
 Hes grande para mim porque em teu scio
 Bolingbrocke apparece , Adisson , Pope ;
 Apparece Bacon , Milton tactêa
 Arpa tocada só d'Hebreo Monarca ;
 Em ti tiverão berço , e Locke , e Tompson ,
 E o que os povos do Mundo inda baralha ,
 E a Gallia fez tremer , Pitt , he teu filho.
 Hes grande para mim , porque hum Senado

De Reis, mais que o de Roma em ti conservas,
Onde tantos Demosthenes, e tantos
Tullios sabem surgir, salvar a Patria.
He/esta a fonte do respeito, e estima,
Que eu Vate, que eu Filosofo consagro
A ti grande Nação, da Europa asylo.

FIM DO SEGUNDO CANTO.



NEWTON,
POEMA.

CANTO III.

TINHA ficado em extase profundo
Do portentoso Mausoléo co' a vista:
Mas da pasmosa suspensão me chama
A Padiga outra vez; eis abro os olhos,
Junto ao sepulcro vejo em lédo aspecto
Matronas duas de belleza estranha:
Huma nos hombros veste argenteas azas,
Na dextra mão sustenta argentea tuba;
Vi que era a Fama, que immortaes escritos
De Newton celebrou; era outra a Gloria,
Que os sustenta nas mãos, defende, e guarda.

Da Fama, e Gloria he obra, he maravilha
 O immortal Cenotafio : aos pés sentada
 A Verdade admirei simplice, e núa :
 Ella serve de base ao grande, illustre
 Monumento immortal onde a presságia
 Mente me diz, que saberão no Mundo,
 Que eu no Mundo existi, tardios netos.
 Do seio extractos da materia prima
 Dois pedestaes estão, que no encendrado
 Ouro conservão symbolos diversos,
 E as bases são de lúcidas columnas.
 No meio huma Pyramide que mostra
 No mui subtil triangular remate
 Do fogo, e clara luz o throno, e assento,
 Qual entre os Gregos o mais douto o mostra,
 Crendo que deste fogo a alma era chéa,
 Que qual laço entre si sustenta, e prende
 Intelligivel Mundo ao Mundo inerte,
 Incorporea substancia á sensitiva :
 (Methafysico abysmo, ou sombra he isto,
 Que eu débil, que eu mortal romper não posso).
 Daquelle fogo interminavel fonte.
 Vi d'átomos sahir, que o Sol brilhante
 Desde o seu seio luminoso espalha,
 Donde o immenso esplendor talvez se forma.

Além do alcance do saber humano
 He sua rapidez, correm velozes
 Dos Ceos o immenso espaço, em toda a parte
 Se diffundem no ar; destas pequenas
 Particulas tem luz, tem lume os corpos;
 Sempre impellido vai, vibrado sempre
 (Continua undulação) primeiro raio
 D'outro, que delle após o Sol despede
 Diante da Pyramide sublime
 Entre as columnas se elevava ingente,
 Firme, segura base; ordem Toscana
 Com magestade seus adornos forma;
 Nella esculpido teu grão nome eu leio,
 Immortal Galilêo, tu preço, e gloria
 Da Etrusca Sapiencia, e timbre illustre
 D'alma Cidade qu'em seu gremio ouvira
 Os magos sons da Cythara suave,
 Que a Laura celebrou, qu'ouvira outr'ora
 Da boca de Ficino auri-eloquente
 Do excelso Platonismo expôr mysterios;
 Que dera o berço ao que descobre hum Mundo,
 Que o nome seu tomou; qu'inda hoje o guarda.
 Immortal Galilêo; devem-te os sabios,
 Da Terra aos astros o caminho aberto;
 Qual deve a Magalhães o nauta a estrada,

Que cerca todo o Globo em mar profundo :
 He teu brazão sómente , he gloria tua
 Desta mesquinha , inerte , escura Terra
 Avizinhar as lucidas estrellas ;
 E , se o Toscano Ceo d'astros he rico ,
 Que ao throno Medicêo docel formárão ,
 A ti se deve , a ti ! . . . Memoria triste !
 O throno Medicêo , he sombra , he cinzas ,
 Depois que o Tigre , ou Vândalo do Sena
 Despreza á Sapiencia , avilta os thronos !
 O teu engenho inaccessible abre
 Nova estrada ao saber : Britanno illustre ,
 Com ella architectou obra estupenda ,
 Que , consagrada á lucida verdade ,
 Da proterva ignorancia o orgulho opprime.
 Immortal Galilêo , ao dia , ás luzes
 Que ao Mundo trouxe teu saber profundo ,
 Se oppôz a cega audaz insipiencia ,
 E inda agora se oppõe ; que hum véo sombrio
 Tentou no Sena despregar-te em cima.
 Ah ! não se lembrão que , se a Italia culta
 Não dera o berço a Galilêo , não forão
 Tão ufanas de si Gallia , e Britannia ,
 Hum Newton dando á luz , e á luz Des-Cartes !
 Dos lados sobre a base alta , e segura

Eu vi dois Globos da pezada, e dura
 Magnete, que he mysterio ao sabio, a todos:
 Virtude de attracção nella reside,
 Se a mente a não conhece, a vista a sente:
 Pegando, unindo a si (profundo arcanô!)
 Esse metal cruel, sagrado a Marre,
 Quê hoje a misera Europa em sangue inunda
 E he dos mortaes na mão rival do raio.
 Esta ao sabio, esta ao vulgo ignôta força,
 Como em triumpho se descobre, e mostra.
 De teu contínuo meditar foi obra,
 O' Génio do Tamiza, este prodigio;
 Mostra a tendencia qu' entre si conservão
 Alternativamente os corpos todos,
 Que a hum centro que he cômum gravitão sempre.

Ignôto nome aos seculos antigos
 Foi attracção recíproca, e foi sempre
 Centrífuga, e centrípeta ignorada,
 Com que estranhos fenomenos s' explicão.
 Em seu lugar as gárrulas escolas
 Sonhárão Nome occulto, occulta força,
 D'odio, e d'amor combate, ou guerra eterna,
 Horror do vácuo, e qualidade ignôta.

N'hum dos globos está gravada em ouro
 Por mãos de Ptolomeo etherea esfera,

A' qual d'ambito immenso a Terra he centro:
 Acima della brilha argentea Lua,
 Que o nocturno clarão do Sol recebe.
 O mensageiro dos celestes Numes
 Muito acima fulgura; e essa, que teve,
 Alma belleza, no Oceano o berço,
 No que he terceiro Ceo, resplende, e brilha;
 Precede o dia quando nasce, e surge
 Quando o disco do Sol se encobre, ou morre!
 D'aurea luz coroadado, e ardentes raios
 O Sol succede: e se descobre Marte
 Sanguineo, e triste n'outro Ceo rodando.
 De Jupiter o Globo immenso, e claro,
 Em mui remoto circulo se agita.
 Inda além delle, vagaroso, e frio,
 Vai do antigo Saturno o debil raio.
 Immoveis pontos, lucidas estrellas
 Brilhão no immobil crystallino assento.

Obra do grão Copérnico descubro
 N'outro Globo esculpida immensa esfera;
 Della o Sol luminoso he centro, he fóco,
 Que mui proximo a si Mercurio observa;
 Vai n'hum carro apoz elle a Cypria Dcosa,
 Roseos freios batendo ás alvas Pombas,
 (Dos astros todos o mais bello, he este);

E n'outro Ceo mais alto a escura Terra;
 Tornada astro rotante, o gyro absolve;
 Dá Lua, seu satéllite, seguida,
 Da qual ao vario movimento he centro.
 Das feras armas lugubres o Nume
 (A quem tanto tributo, incenso tanto,
 Em lagrimas, em luto a Europa off'rece!)
 Segue-se após a Terra; e após de Marte
 O vivo, o claro, o desmedido Jove,
 De brilhantes satellites cercado,
 Que tu, grão Galiléu, primeiro achaste!
 E do tardo Saturno a immensa, e vasta
 Mole apparece, de Clientes muitos,
 E variante annel cercado avança.

Hum longo estudo architectou tão bella,
 Tão engenhosa maquina prestante,
 Entre os gelos Sarmaticos levadá
 A' maior perfeição, pois já n'antiga
 Idade a vio sahir absorto o Mundo
 Das mãos do escravo do eloquente Tullio, (5)

(5) Cícero entre seus escravos tinha dois, ambos Gregos, hum chamado Tyro, que era seu lei-

A quem, deposta a Consular soberba,
 Se dignou de escrever, chamar-lhe amigo.
 Sobre os dois Globos se sustenta, e firma
 A illustre, sepuleral Urna estupenda;
 Arquitetada, e repolida brilha
 De Prisma em fôrma, e de materia ignôta;
 Se o brilho he do diamante, inda mais brilha,
 Se he solido o rubim, mais dura existe.
 Não folhagens de Acantho, ou de Cypreste.
 Alli pôz Escultura: em vez de adorno,
 Em vez dos negros symbolos da morte,
 Só gravou Mathematico Instrumento,
 Com que medir dos Ceos a immensa estrada
 Usa idéa Astronomica segura.
 Do negro Paragon moldura observo,
 Que em si contém de Isac a illustre imagem;
 He relevada em solida Esmeralda,
 Parece que inda volve, e que inda espalha
 Filosofica vista em torno aos astros,

tor, e a quem Cicero escreveu muitas cartas; ou-
 tro chamado Possidonio, inventor da maquina a que
 chamamos — Planetario —; ainda que não tão per-
 feita como a vemos. Isto diz o mesmo Cicero, a
 Attico, fallando da maquina, „ *Quam nuper Possi-*
donius noster invenit. „

Que, respirando está Filosofia.
 E tanto ao vivo está, tal arte o fórma,
 Que, se meus olhos acredito, ainda
 Cuido que solta a voz, que os labios move.

Este relevo portentoso, e raro
 He sustido nas mãos d'um Genio illustre,
 A quem deo berço d'Adria a grã Rainha,
 (Hoje escrava tambem d'escravos feros).
 Genio que objectos da terrena estima
 Aos pés soube pizar, e além subindo
 Onde o fragil mortal mui raro chega,
 Teve ao lado Virtude, e teve o gosto,
 Que o bello sabe achar nas artes bellas,
 Rival sublime, ou vencedor de Horacio;
 Na mente sempre á Poesia dada
 Seguro alvergue achou Filosofia;
 Pelas varedas da sciencia segue
 De Newton o farol brilhante e puro.
 Caro ao Monarca, que juntou n'hum laço
 De Minerva, e Bellona o genio, e as artes,
 Minerva n'alma tem, nas mãos tem Marte,
 E a pacifica Oliva ao Louro ajunta:
 Monarca invicto, que estendeo vivendo
 A mão benigna ás Musas desvalidas,
 E ao lado como amigo os Vates senta,

E no Reino , onde agora a Guerra existe ,
 De Augusto fez raiar dourados dias :
 Foi-lhe caro Algarotti ; oh fausto nome ,
 Tão doce e grato ao lisongeiro sexo ,
 Que une mil vezes formosura , e letras !
 Da nivea mão travando-lhe o dirige
 Pelas agras do calculo varedas ,
 E lhe ensina a não vêr com medo , e pena
 Os labyrinthos das traçadas linhas ,
 Nos cubos , nos triangulos de Newton.
 Elle nas mãos sustem o Oval relevo ,
 Que ao vivo representa , ao vivo exprime.
 Do grande explorador da Natureza.
 O magestoso , e respirante vulto.
 D'Optica o Genio na moldura estende ,
 Moldura sup'rior , brilhantes azas :
 Com septemplice luz se expandem bellas ,
 Que as côres todas primitivas guarda :
 O corpo todo he nú , cercado apenas
 D'hum sendal claro azul que estrellas bordão ;
 Na dextra mão sustenta huma grinalda ,
 E acena de cingir com ella a frente ,
 De pedraria Oriental composta ;
 Na esquerda mão conserva os luminosos
 Crystaes , em lentes que affeição e pule

Co' as doudas mãos Filosofo tranquillo ;
 O Portuguez Hebreo na Hollanda escura, (6)
 Que , a vil lisonja desprezando altivo ,
 Banha o pão com suor , trabalha , e vive.

D'aurea madeixa o Genio hum raio expande ,
 Que , composto de mil , fulgura ao longe.
 Resulta delle a côr candida aos olhos :

Da Urna sepulcral no seio o raio
 Se refrange instantaneo ; em parte opposta
 Quadrilongo se vê , posto que fosse
 Esferico ao partir da origem sua.

Diversos grãos , e proporção distincta
 As côres entre si guardão , conservão ;
 O brilhante escarlata occupa o fundo ,
 O laranjado o meio , e , qual no Goivo
 O amarello se mostra , alli campêa ;
 O verde então se vê , que enroupa as plantas ;
 Vegetação Rainha assim se veste ,
 O'pa com que se adorna , e o Mundo enfeita :

(6) Collero na Vida de Espinosa diz , que seus pais erão de Béja , e que elle nascêra no Porto , donde fôra levado para Amsterdão de dois annos de idade , hindo tambem com seus pais o célebre Jacob Murteira , que depois foi seu Mestre : este foi o que depois se rio do desafio de Antonio Vieira.

Do azul, que forra os Ceos, o Indico he perto,
 E da saudade o symbolo tristonho,
 Matiz da violeta; eis brilha o roxo.
 Escala harmoniosa! Eis della em torno
 D' huma composta côr listões s' estendem,
 Que outros compostos gradativos formão,
 Que adornos são do Mausoléo soberbo:
 E, n'hum Rubim profundamente expressas,

Bento Espinosa trabalhava com suas mãos para se sustentar; aprendeo a polir vidros para Telescopios, e Microscopios; erão buscadas de toda a parte as lentes que elle polia, e com este trabalho se procurava mui parco sustento. Desprezou a Cadeira de Filosofia que lhe offereceo na Universidade de Heidelberg o Duque de Duas Pontes; enjeitou a offer-ta do Grande Condé, que lhe dava hum quarto no seu Palacio em París, affiançando-lhe com sua protecção a liberdade de escrever. Não quiz acceitar dez mil florins de Hollanda annuaes, que lhe offerecia a Sinagoga Portugueza se quizesse entrar em seu gremiõ. Viveo, e morreo como verdadeiro Filosofo, reservando do fructo do seu trabalho quanto fosse preciso para se lhe fazer hum enterro decente. Morreo de 43 annos de consumpção, ou tísica, originada de continuo, profundo, e porfiado estudo. Era de estatura mediocre, côr trigueira, olhos azues, e agradaveis feições. Gostava de ouvir noticias politicas, a que fazia reflexões com vivacidade. Não recebeu o Baptismo, não queria disputar sobre a Religião.

Estas palavras portentosas são:

„ Com suas Leis a vasta Natureza
 „ Imersa em sombras lugubres jazia
 „ Surge, ó Newton, bradava a voz do Eterno;
 „ Nasceo Newton ao Mundo, e nasce o dia. „

Eis três figuras mais, do grão Sepulcro
 Ornamento, deviso em torno postas;
 Primeiro a de Ancião curvo, e rugoso,
 Fontenelle se diz, meditabundo;
 Aos Ceos aponta, e contemplando os astros,
 Diz que habitados são, que a argentea Lua
 He do pensante, e do mortal morada;
 Qu' existem Mundos mais no éther immenso.
 De vórtices cingido, outro apparece,
 Em cujo seio envolve o Sol brilhante;
 Em seu gyro assignala o móto aos astros.
 Tem sobre o Cenotáfio os olhos fitos,
 O simulacro observa, e mudo o adora.
 Entre elles ambos Maupertúis descubro,
 E sobre hum Globo estende aureo compasso,
 E sem temer as cerrações do pólo,
 Geómetra sublime, os grãos lhe mede.

Eternidade sobre tudo existe,
 De insupportavel luz clarão diffunde,
 Onde se perde, e se deslumbra a vista,

S'ousa fitar-se no seu seio immenso.
 Eternidade, Eternidade! Abysmo
 A' mente humana incognito, e vedado!
 Eternidade, que o limite ignora,
 Que nem tem antes, nem depois! He sempre!

Mal contemplava o monumento augusto,
 De homem tão grande consagrado á gloria,
 De tão sublimes extasis me arranca
 A Fadiga outra vez: „ He tempo, ó filho,
 Que o transportado espirito se torne
 A' habitação mortal, que desça á Terra:
 Vai: quanto viste, aos homens anuncia;
 Vai declarar insólitos portentos
 Sobre esta móle sepulcral gravados.
 O Mundo vivirá: Newton sublime
 Em quanto exista, existirá com elle:
 Sobre as ruinas do acabado Mundo
 A gloria existirá fastosa, inteira,
 Seu throno erguendo sobre immensa, e clara
 Luz, que só Newton dividio na Terra. „

Disse; eis foge a visão, eis foge o Templo.
 Eu, não diff'rente d'hum mortal que vóa,
 Desço do cume do fadado monte.

O mesmo monte s'escondeo: vapores
 Levantados em torno á vista enferma

Sobre mim denso véo de nuvens formão;
Roubão-me ao claro Olympo : a planta apenas
Se me antolhava que na Terra firmo,
Do novo dia sou chamado ao duro
Lagrimoso trabalho , herança minha.
N'huma absoluta escuridade , inglorio ,
Sómente a mim deixado , e á Natureza ,
Sem murmurar do Ceo que assim lhe aprouve,
Tranquillamente o tumulto esperando
(Pouco dista de mim !) repouso eterno.
Claro Sol da existencia o Occaso tóca ,
Dentro as nuvens já lança huns debeis raios ;
O Mundo se obscurece , os horisontes
De dubia luz o resto apenas guardão ;
Eu sinto a vida ao feretro chegar-se ,
As sombras entro da infinita noite.
Foi pouco o que passou , nada o que resta ;
As vibrações do coração se affrouxão ,
Dos labios vai fugir suspiro extremo !
Foi-me a terra madrasta , ingrato o homem ;
Eu da Patria não fui , fui do Universo ,
Da humana especie incognito individuo :
Contemplação profunda , alto silencio
A minha herança foi , fructo ignorancia.
Mas sem que a vil lisonja hum pão mendigue ;

Nem aos soberbos porticos dos grandes
 A dependencia guiará meus passos,
 Nem vergonhosa súplica aos ouvidos
 D'hum homem meu igual levei té agora:
 Falte em que ponha os pés mesquinha terra,
 Injusta collisão d'almas obtusas;
 Menos que vermes na sciencia, em tudo,
 Só grandes na ignorancia, e na impostura;
 Me procure azedar cadentes dias;
 Nem duro, e negro pão banhado em pranto,
 E obtido com suor me escóre a vida;
 Nem tenha onde evitar (paredes nuas)
 Das estações a dura alternativa;
 Nunca abatido o peito em males tantos,
 Nem triste o rosto me verão no Mundo;
 N'alma assentado o presupposto tenho
 De huma voz Filosofica, que brada:
 „ Dos males todos, o menor he morte. „
 Se he preciso morrer, sou grande, e livre,
 Sou nobre, independente, e sou ditoso;
 Do estudo, e da sciencia o fructo he este.
 Não he caduca vida hum bem que valha
 De hum vicio só, de huma vileza o preço.
 Mas em quanto não finda este intervallo,
 Breve entre o berço, e tumulto; desejo

O' Patria minha , engrandecer teu nome ,
 Dar-te , qual hes , a conhecer ao Mundo.
 Isto busco , isto quero , isto medito ,
 Neste seculo infausto á paz negado ,
 Em que tudo se esquece , excepto o sangue ;
 Em que he sciencia o cálculo da morte ; (8)
 Em que hum Tigre feróz se chama hum grande ,
 Em que amor do retiro , amor do estudo
 Como fraqueza , e pedantismo he tido ,
 E a sciencia maior lembrar-se o nome
 Da terra em que os mortaes seu sangue entornem.
 Menos barbaro foi por certo o tempo
 Em que do Polo aquilonar marchando
 Fero Ataúlfo , ou Genserico veio :
 He Theodorico barbaro , mas teve
 Ministro ao lado seu Cassiodoro :

(8) Entre os males que a Revolução acarretou á humanidade julgo ser o maior , e mais universal , o amortecimento do gosto nas Sciencias , e Artes. A Filosofia da Revolução prometeo luzes ao Mundo , e em seu lugar derramou sombras. Sirva de exemplo , e de prova a desgraçada Italia , mái fecundissima dos conhecimentos humanos ; apenas começou nella a lavrar a nova Filosofia , esmoreceo , e morreo tudo. Em Portugal poucos são já os que estudem a Lingua Latina.

Deo-se apreço ao saber, respeito ás Musas ;
 Filosofo he Boecio ; aurea eloquência
 Apolinar , e Símacho sustentão ,
 E do Grego saber riqueza , e brilho
 Nas escolas Ecléticas conserva
 A' foz do Nilo transplantada Athenas.
 Mas agora!... ah com lagrimas augmento
 Do patrio rio a turbida corrente!...
 Porém eu torno a mim , que a mim me rouba
 Melancolico véo , que alma me enluta.
 Trago do Templo excelso inda gravadas
 Na fantasia fervida as imagens ,
 Que eu alli descobrira ; inda me lembro
 De quanto ao grão Britanno as Artes devem.
 Cultas nações extaticas o louvão ,
 Nunca a lingua mortal cança em louvallo :
 Unico Genio , cujo estudo , e fama ,
 Sómente ha de acabar quando se solte
 A chamma voracissima do fogo ,
 Que a Terra ; os astros lucidos consuma ,
 Com que do Mundo a maquina vacille ; (9)

(9) ad fore tempus ,
 Quo mare , quo tellus , correptaue Regia cœli
 Ardeat , & mundi moles operosa laboret.

Ovid. Met. Liv. 1.º

Como tu prometeste , e tu cantaste ,
 O' dulcissimo Vate , a quem por louros
 Deo do Tybre o Tyranno a Scythia , e morte.

Newton ; foste mortal ; mas quasi eu creio ,
 (Qual he crença de etatico Poeta)

Que d'ham astro immortal vieste ao Mundo
 Mostrar prodigios aos mortaes ignótos.

Tu , c'o Prisma na mão marcaste a fonte
 Da septiforme côr , que a luz encerra ,
 Qual seja a essencia sua , e qual a vida.

A superficie dos terrenos corpos ,
 Em parte absorve os luminosos raios ,
 E , reflectidos n'outra parte , os manda
 Aos olhos nossos com diversas côres. (10)

Opáco eis apparece o corpo , quando
 A luz não tópa com directos póros ;
 Na obliquidade a escuridão consiste ,

(10) Está demonstrado em Fisica , que a diversidade das côres procede da diversa refracção dos raios da luz na superficie dos corpos : esta observação , ou verdade já estava conhecida no tempo de Platão. Newton lhe deo toda a evidencia applicando as Mathematicas a Fisica : veja-se Dutens no aureo Livro da Origem dos inventos attribuidos aos modernos , no artigo — Luz , e Côres.

Pois menor transparencia a luz encontra.
 Tu decifraste as primitivas côres,
 O' grande Genio scrutador do Mundo!
 Tu das mixtas nos dás brilhante idéa;
 Que effeitos são dos reflectidos raios,
 E qual seja o poder donde dimanar
 A' refração, e reflexão principio.
 Não são de teu engenho obras supremas
 As qu' em suave metro expuz té agora.
 Não só da luz as vibrações potentes
 Refrangiveis mostron nos corpos densos,
 Que no incessante moto encontrão sempre;
 Mas a mais progredindo a mente excelsa,
 Não se perdeo no calculo infinito:
 Abysmos onde hum novo ignóto trilho
 Aos mortaes pôde abrir; sahindo ovante
 Do labyrintho de infinitas curvas,
 Quando a recta propoz, porque he finita;
 Se hum pouco só diverge, então se fórma
 Sempre em curva infinita. O' sombra, as Musas
 De ti se espantão, se intimidão, fogem:
 Só lhe apraz terra donde brotem flores;
 Só manejão pinceis, calculo odêão;
 Ou he pequeno emprego á fantasia,
 Que se escalda, se expande, e se remonta,

Juntar com sequeidão cifras a cifras ;
 Outro' quadro maior minha alma occupa.

Bastava , ó Newton immortal , bastava
 A dar-te hum nome eterno , a luz , e as côres ;
 Mas tu , da clara luz transpondo o Imperio ,
 Foste os astros seguir no eterno móto.
 A pestilente Inveja em vão contrasta
 A teu nome iumortal memoria , e honra.
 Da Geometria nas valentes azas
 Nunca tentado despregaste hum vôo ,
 E d'huma esfera n'outra esfera foste
 Viver entre mil Soes sem deslumbrar-te :
 Lá tu foste encontrar , de lá revélas
 Lei que a hum centro cõmum chama os Planetas ,
 E a lei com que do centro os astros fogem.
 O móto desigual da argentea Lua
 A teus profundos calculos sugeitas.
 Tu no móto annual , tu no diurno ,
 Vais passo a passo acompanhando a Terra.
 Tu do grande fenomeno espantoso ,
 Exposto á nõssa vista , e sempre ignóto ,
 Com que ora sobem na arenosa praia ,
 Ora descem na praia as turvas ondas ,
 A verosimil causa , ou certa apontas.
 E teu profundo espirito em repouso ,

Assombroso mortal , jámais deixaste.
 Se , os tubos astronomicos depondo ,
 Deixas de ir vêr os Ceos , correndo os astros ,
 Não satisfeito de rasgar o obscuro ,
 Denso véo que encobria a Natureza ,
 Pelos sombrios pennetraes entrando
 Com luminoso facho , e nunca extincto ,
 Tu , nascido a dar luz , rasgas as sombras
 Talvez mais densas , que no seio envolvem
 Marcado já periodo dos tempos ,
 Vai correndo teu fio , e apenas paras
 No momento em que á voz do Eterno o Mundo
 Surge do Cáhos , se organiza , e brilha.
 Tu , da impostura oriental mofando ,
 E do fallaz mysterioso Egypto ,
 Só da verdade oráculos respeitas.
 Petavio , Usserio te contemplão mudos ,
 Quando outras luzes contemplando mostras
 Da Natureza na observada marcha
 Tão remoto não ser da Terra o berço.
 A base , as progressões , a gloria , a queda
 De Imperios vastos que ambição formára ,
 Interprete das leis dos Ceos , dos astros ,
 Quizeste ser Legislador dos tempos.
 Quem pôde a gloria recusar , ó Newton ,

De dar ao Mundo a luz que elle não tinha?
 A transcendente Geometria elevas
 Ao ponto além do qual finda o perfeito.
 Da Natureza sacerdote, acclaras
 Mystérios que ignorára a Grecia, o Lacio.
 Pelas sombras da Historia a luz derramas,
 Quando a base maior, Chronologia,
 Tu deixas em teus calculos segura.

Se o profundo Varennio a terra, os mares
 Co' a régoa Filosofica medindo,
 Este, ai! tão triste! domicilio humano.
 Em quadro multiforme off'rece á mente;
 Tu te dignas polir, dar brilho, e preço:
 Talvez ao mór Geógrafo que exista;
 (A Newton por interprete merece!)
 Nelle a luz he brazão, que tu lhe emprestas;
 Em ti timbre maior, sendo tu Newton,
 Confessar, conhecer merito estranho.

Da Natureza expositor, quizeste
 As azas despregar n'hum Ceo. mais alto,
 As cortinas fatidicas rasgando,
 Comque a mão do Immortal cobre o futuro,
 Foi teu maior estudo esse volume;
 Onde as visões de extatico Profeta
 Em sombra impenetravel se sepultão,

Não vadeaveis , não , que os aureos sellos
 Só lhos deve romper momento extremo ,
 Quando de espanto agonizante o Mundo ,
 Vir das nuvens baixar do Eterno o filho.

Não foste grande aqui ; mas são pequenos
 Quantos ousão rasgar contigo as sombras ,
 Em que Deos quiz guardar mysterios tantos.
 No Templo Filosofico dest' arte
 Tu mereceste hum tumulo sublime ,
 Que he seu mais nobre altar ; não pompa infausta,
 Qual ser dos Reis o mausoleo costuma ;
 Neste a gloria se acaba , o nome expira ;
 O teu dalli começa , e dalli manda
 Raios de luz a esclarecer o Mundo.

Se tens a mente de sciencia cheia ,
 Tens de virtude o coração cercado :
 He mais arduo ser bom , que douto , e sabio ;
 E huma virtude só tem mais valia .
 Que o teu compasso d'ouro , as linhas tuas ,
 E as leis que dás , ou que suppões nos astros.
 Entre o fausto incivil , entre a grandeza ,
 Poteste ser Filosofo modesto.

Ah ! sem virtude , a sapiencia he nada !
 A Inveja te assaltou , (a quem perdoa
 Este monstro o maior do escuro Inferno?)

Mas tu , qual no Oceano altivo escolho
 Das negras ondas , que rebentão , zombas.
 E, se hum novo Palacio á Sapiencia
 Levantárão mortaes no Tybre , e Sena ,
 Os enfeites são seus , e as bases tuas.
 O' feliz Albion , berço de tantos
 Magnanimos Heroes , que o Mundo illustrão ,
 Da honra , e da virtude asylo , e Patria ,
 Vê que ha no Téjo quem conheça o grande
 Alumno teu que legislou nos astros :
 Quem seu saber adore , e seu profundo
 Systema vá seguindo em todo , em parte ;
 Quem possa ser maior , e igual ao menos.
 Este dos versos meus , tributo acceita ,
 Que eu consagro a teu nome , á gloria tua :
 Pendura-os em seu tumulo ; e se tanto
 Nem desejar , nem merecer eu devo ,
 Junto da pedra , que os despojos fecha
 De Tompson teu Pintor , meus dons conserva :
 Se elle traçou da Natureza o quadro
 Dos seculos té alli co' a Lyra intacta ,
 Eu do Interpetre seu pinto em meus versos
 O grande Genio , e lhe eternizo a Fama.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

NEWTON,
POEMA.

CANTO IV.

DA luz que o Templo magestoso enchia
Nunca a meus olhos o clarão s'extingue,
Com elle vejo d'outra sorte a Terra:
S'era envolta até alli na sombra escura
Do cáhos da ignorancia, eis fulge, eis brilha
De novos astros, nova luz banhada.
Era tréva até alli quanto pousara,
Em Athenas outr'ora, outr'ora em Roma.
Era frouxa a impulsão de sabios tantos,
Que, mestres do Universo, aos homens davão
Lições de sapiencia. Ah! nunca o Templo
Aos miseros mortaes se abriu de todo!

Quando a barbarie Góthica dõmina
 Por tantos, tantos seculos no Mundo,
 Dos continuos fenomenos a causa
 Sempre ignorada foi. De espaço a espaço
 Surgia hum Genio, forcejando apenas
 Por quebrar os grilhões. Baldado intento!
 Hia o volume universal fechado,
 Com sellos de Diamante, á força humana;
 Qual no tristonho tenebroso Inverno,
 Quando a densa, importuna, e grossa nevoa,
 Abafa em torno o ar: se o Sol brilhante
 Rasga c'õo vivo raio o manto espesso,
 Subito foge; subito o negrume
 Tapa de novo o fulgurante aspecto,
 O Imperio estende da imperfeita noite.
 Tal da Verdade, a Natureza estava
 Envolto sempre o rosto em véo sombrio;
 E, se hum frouxo vislumbre hum pouco a treva
 Tentava divertir, mais carregada
 Vinha cahindo a sombra da ignorancia:
 Ou porque o cego Fanatismo as luzes
 Demorava continuo, ou porque ainda
 O marcado periodo não vinha
 Na vasta, immensa successão dos tempos,
 Que a mão que rege o todo ás artes marca,

Quaes os Imperios são que nascem quando
 Do nada á vista a Providencia os chama.
 Quantos Genios nutrio no seio a Italia
 Antes que Newton fulgurasse o Mundo?
 Tilesio , Cisalpino , e Bruno , aquelle
 Que entre chammas fataes seu crime expia !
 E Cardano , que entr' Arabes idéas
 Tantas centelhas luminosas lança !
 Mas nunca rompe o dia , e o Mundo aclara.
 Tu mesmo , ó Galiléo , teu passo apenas ,
 Ao Peristilio do grão Templo levas :
 Não te foi dado os porticos de todo
 Aos homens franquear. Germania hum Sabio
 Produz , que aos Ceos se lance , os astros peze ,
 E ouse fallar de perto á Natureza ;
 Kepler as leis universaes sentia ,
 Que seguem na carreira ethereos corpos.
 E Gallia , então n' Aurora , então no berço ,
 Ou não escuta , ou não conhece o Sabio ,
 Que entre os gelos da Hollanda hum Mundo finge
 De turbilhões , de vortices sonhados :
 E de Epicuro nos jardins se assenta
 Renovador dos átomos errantes
 Pensativo Gassendi , e em tréva envolto ,
 Corpuscular . Filosofia ensina ,

Onde engenho só brilha, e nunca hum passo-
 A sempre douta experiencia avança.
 Ah! se mais á razão, que á fantasia
 Desse o Germano illustre, a quem patente
 O vasto Imperio foi das artes todas,
 Se as primitivas mónadas, se aquella
 Pré-existente enfática harmonia
 Hum pouco elle esquecesse, e a voz ouvisse
 Da contumaz observação das causas,
 Mais cedo, e mais brilhante a luz raiára!
 Do immenso livro do Universo os sellos
 Aos olhos dos mortaes s' espedaçarão!

Mas Newton existio, e a Terra he outra;
 O que era só mysterio, o que era sombra,
 Foi tudo luz, e sapiencia tudo,
 Bem como he tudo luz, e he dia o Mundo
 Quando o disco do Sol do Ganges rompe.
 De arcanos naturaes expoz a cifra,
 Rasgou-se o manto a toda a Natureza!
 Eis do infinito o calculo profundo
 Pôde abrir, e forçar cerradas portas.
 Da Sapiencia o recatado Templo,
 Visto apenas ao longe entre inaccessas
 Róchas quebradas de escarpados montes,
 Se abriu de todo, e se mostrou qual era.

Oh ! que scena espantosa , oh quadro augusto !
 Enthusiasmo que minha alma agita
 Te abrange todo , te contempla , e pinta.
 Em teu claro vastissimo horizonte
 As gradações da luz , da sombra eu sigo ,
 Empreza digna de espantar por certo
 A rica fantasia , o fogo , a força
 De Tintoreto , ou de Jordão pintando !
 Ah ! não sei que ardimento interno eu sinto !
 Irresistivel violencia aos versos
 Me leva todo , e da memoria eu tiro
 Thesouros cuja posse eu mesmo ignóro :
 Sobre mim me levanto , e alheio aos males ,
 Que outra vez tão de perto , em copia tanta
 Terrivelmente minha Patria assombrão ,
 A Lyra Filosofica tactêo ,
 E onde não chega estrepito da guerra
 Eu vejo a luz que a Terra a Newton deve.
 De antigos évos Optica ignorada
 De Sarpi , e Porta aos immortaes cuidados ,
 Ah ! por certo deveo primeiros passos !
 Porém c'o Prisma , e calculos de Newton
 Pode formar a analyse das côres :
 Do Genio , tymbre d'Anglicos triunfos ,
 O volume doutissimo propaga

À luz que era só vista, e ignota sempre.
 Vãos systemas té alli que o throno occupão,
 Cahem sem força, e vigor no abysmo, e nada;
 A Experiencia só, corrige, emenda
 Quanto á moderna observação se oppunha;
 E a nova escóla Eclectica se eleva
 Sobre a verdade, e calculo sómente.
 Eis Euler, e Clairaut, profundos genios,
 Sobre o problema dos tres corpos lanção
 A base ao grão saber, e altos progressos
 Do magestoso simplice systema,
 Que La Place immortal do Mundo off'rece.

Quão gioriosas consequencias vejo
 De teus principios, ó Britanno illustre!
 A nutação do eixo em que se firma,
 Em que rodando vai pezada Terra:
 Do mar a exaltação, do mar a fuga,
 (Que fluxo, e que refluxo a prosa chama):
 D'astros primarios movimento eterno,
 Dos satélites seus que ao centro tendem;
 Dos Cometas excentricos, que o moto,
 E sempre incerto, irregular conservão,
 Os constantes periodos se marcão.
 A libração da prateada Lua,
 Astro proximo a nós, mas sempre ignóto,

E a causa achada dos velozes ventos,
 Do ar movido oscilações pasmosas.
 Tudo he patente já. Methodo exacto,
 E de integrar, de aproximar se abraça,
 E tudo, ó grande Inglez, tua gloria augmenta!

A longa duração de quasi hum cento
 D'annuas revoluções da Terra inerte
 De teus principios á cultura entrega
 Fontenelle dulcissimo, que Mundos
 Vio mais no espaço, e que aridas sciencias
 De nova graça e formosura enfeita.

Da Germania, que hum tempo, e núa, e simples
 Ao Historiador Filosofo se mostra,
 Surge o grão Wolfio, e se offerece ao Mundo;
 Segue o trilho de calculos profundos:
 Mathematica luz lança no campo
 De quanta a Terra vio Filosofia.
 De ti, grão Newton, os vestigios piza,
 E da exacta sciencia entra o Sacrario,
 Em sombras metaphysicas s'entranha;
 Quadro bem digno da attenção do sabio.
 Nunca em meus versos ficarás inglorio!
 A Inveja perseguio genio tão raro;
 Entre agitadas borrascosas ondas
 Em seu peito existio tranquillidade,

E a cada tiro venenoso dava
 A grão resposta de hum volume douto
 Com que da Sapiencia o erario augmenta.
 Do Lycêo de Berlin lá foge expulso;
 Vai com elle a Virtude, e vai Sciencia.

Da Hollanda nebulosa os sabios surgem.
 Ah! porque foge á magica harmonia
 De meus versos seu nome! As Musas fogem,
 E os Alpes vendo, os Pyreneos não passam.
 Só do Tibre, ou do Téjo as aguas gostão
 Depois que o Trace barbaro, e que o Scythia
 Do Eurotas, de Hypocrene a margem pizão!
 Moschembroêke, Sgravesande illustrão
 Da Fysica os confins. Conspicua em tudo,
 Antes que ao jugo Vandalo dobrasse
 O tão nobre até alli livre pescoço,
 Nevosa Helvecia n'hum só familia
 Da sciencia o deposito conserva.
 Fadada para as letras Basiléa
 Tantos Bernoullis dá, quantos os sabios.

Claro ornamento da sciencia exacta,
 Onde hum tempo foi Grecia, e Roma outr'óra,
 Onde em Sena mudado eu via o Tibre,
 Quanto a Fyrica val, quanto se avança!
 A' luz de Newton nova luz empresta, .

É não deixou que desejar á Terra:
 Da grande Academia o Templo eu vejo,
 Alcaçar da sciencia ao Mundo aberto;
 Do grande Newton a memoria, o nome;
 Alli qual genio tutelar preside;
 No vasto erario de immortaes volumes
 Encerra, e fecha a Natureza toda,
 E a Natureza toda aos olhos abre.

De luz tão clara não carece Italia;
 Paiz tão caro ao Ceo; tão grato aos sabios,
 Ah! nunca os Brennos te pizassem, nunca!
 Devera em cima de teus Alpes vêr-se
 A grão Minerva sobraçando a Egyde
 Co' a angui-crinita frente de Medusa,
 Onde os Hydros fataes s'enroscão, silvão,
 Petrificar as Vandalas Cohortes,
 Qual já Perseo c' o diamantino escudo
 As iras suspendeo do equoreo monstro,
 E Andromeda livrou Italia; Italia,
 Belligerantes torreões nos mares
 De contrarias nações; a Hesperia, a Gallia,
 E a soberba Albion, respeitão, guardão
 Lenho que leva La Peyrouse, e marcha
 Co' as raras produções do opposto Mundo
 A enriquecer a Europa armi-potente:

(Não he de huma nação , da Terra he tódo
 O sabio que a riqueza augmenta as artes :)
 Tal acatada ser , tal tu devias ,
 O' domicilio do saber immenso ,
 E não hirem turvar profanas armas
 Teus sabios immortaes , teus monumentos ;
 Tudo em ti tinha o Mundo , e as Musas todas
 Tinhão firmado em ti seu Templo , e throno.
 De hum Vate acceita o pranto , acceita os votos ;
 Sabe que o Téjo te conhece toda :
 Entre as cultas nações , tu só me illustras ,
 Eu nada tenho que invejar ao Mundo ,
 Quando em viva abstracção te roubo ao Globo ;
 Sem Filicaia , eu Lyrico me acclamo ,
 Ah ! sem Tasso , o Cantor do acceso Oriente
 Cedera a nenhum outro Epica tuba ;
 E harmoniosamente meditando
 Eu só fôra o Pintor da Natureza ,
 Se Arrighi , e Conti co' os pinceis não derão
 A tão grande painel mais alma , e vida.
 A ácceza fantasia hum pouco , hum pouco
 Das Musas se lembrou , deixando as linhas ,
 Os cubos , e os triangulos de Newton ,
 E a regua de marfim , compasso d'ouro
 Com que elle mede a Natureza toda.

Com quanta gloria te serviste delle ;
 Tu , que a tudo primeiro o exemplo deste !
 Não cede , não , Bolonha ao grão Tamisa ;
 Menos Florença , que , em jardins envolta ,
 Da Fysica sciencia o Imperio estende ;
 De Newton ao clarão marcha Zanotti :
 Curvo , e velho Ricatti , abstracto , e mudo
 A seu sacrario te conduz Urania ;
 De Newton nas fluxões tu luz derramas.
 Se teve crime a Sociedade extincta
 Aos olhos da razão , tu lh'o disculpas ,
 E tu pedes por ella o pranto ao Mundo.
 Manfredi , e Grandi , e Nicolai , de assombro
 Enche do Neva , e do Danubio os sabios ;
 Não mais , não mais a progredir se atreve ,
 O grande Imperio da sciencia exacta.
 Onde o claro Sebéto as aguas volve ,
 E ao perto ouve bramir , troar escuta
 Do medonho Vesuvio o seio horrendo ,
 Chega de Newton a sciencia , e chega
 O desejo de abrir com aureas chaves
 Da recatada Natureza o Templo.
 Orlandi , e Galiani aos astros sobem ,
 E o grão Maraldi lhes franqueia a estrada ;
 Com Cassini outra vez s' exalta o Mundo .

Se muito a Galilêo deveste , ó Newton ,
 Mais a Italia te deve , as Artes devem ,
 Na Hesperia á perfeição levadas sempre.

Mecanica , aos mortaes proficuo estudo ,
 Depois de Newton teu sacrario aberto
 Eu vejo pela Europa , e mais se apura
 Do maquinista Siculo o talento ,
 Que atalha os vôos das Romanas Aguias ;
 A força cede a força ás artes sabias !
 Quasi vejo surgir Numes nã Terra ,
 A cujo acêno os corpos obedecem ;
 Não he a Lyra de Anfião que os montes
 Manda a Thebas chegar , são leis profundas ,
 Que ás sombras arrancou da Natureza
 O estudo da Mecanica pasmoso.

Nãos se suspendem , diques s'apresentão
 A' furia sempre indómita dos mares.
 Sobe hum rio em Marly , corre hum penhasco
 A' ribeira do Neva , e a baze fórma
 Da colossal , prodigiosa móle ,
 Que representa o creador de Imperio ,
 Que hoje a razão defende , o crime insulta.

Sem a Italia meu canto erguer não posso ;
 Se Imperio Mathematico contemplo ,
 Muschembroêcke , e Belidoro a guerra

(Guerra dos sabios são, que o sangue ignorão).
 Accendem entre si, disputão doutos
 Do movimento de impelidos corpos,
 Que a força gradativamente perdem,
 Até que a resistencia o móto acabe.
 Do Sena, e do Tamiza os sabios todos
 De Newton, de Amontons nas leis insistem;
 Eis surge, eis brilha o Bolonhez Palcani,
 E onde co' as doutas máquinas não chega,
 Mystérios da razão co' a força abrange;
 Traça hum ramo hyperbolico engenhoso,
 Assintótico o diz, com elle explica,
 Com elle aclara o disputado arcano.
 Se as leis dos corpos sólidos se mostram
 Em soberana luz, quanto escondida
 Guardava a Natureza a lei constante,
 Que pôz desde o comêço ao rio undoso,
 Que elle na marcha accelerada observa!
 Mil equações algebraicas a escondem;
 Vencem-se em fim mysteriosas sombras.
 Depois de quanto afan, de quanto estudo
 Tu, Saladini, a theoria expunhas,
 Que escólho da mecanica tu chamas,
 Não superavel quasi a engenho humano!
 Tu deste a Hydrodinamica pasmosa,

Teu hemisferio, hydraulico os louvores
 Do taciturno pensador La-Grange
 Te soube merecer. Ricatti o grande
 Te abraça terno com silencio augusto,
 Sobre teu rosto lagrimas derrama;
 Do Sabio velho a candida ternura
 Mais te explica, e te diz, que o louro, o premio,
 Que Berlin te mandou, promete o Sena.

Mas teus cuidados, as vigalias tuas,
 O' tu de Urania Sacerdote, e filho,
 A' sciencia dão luz, que os Ceos abrange;
 Por ti seu Reino estende a Astronomia;
 Desde o culto Caldêo, do douto Egypcio
 Té quasi ao berço teu jazia em sombras;
 Nada avançado tinha A'rabe estudo,
 Guardador do deposito das letras,
 Que á furia se evadio do Turco indouto
 Depois que a sabia Grecia he cinza, ou nada:
 Nem mesmo entre os de Dánia agrestes montes,
 Onde Ticho elevou seu tubo aos astros,
 Solar systema se aclarou de todo.
 Mas apenas os Ceos co' a mente excelsa,
 Sem te assustar o espaço indefinito,
 Ousaste passear, como vencida
 Da douta audacia a Madre Natureza,

Ou fez que o Ceo , se aproximasse á Terra ,
 Ou que a Terra de perto os astros visse.
 Leis occultas té alli se patenteão ,
 E o que Newton expoz , Cassini indaga.
 Seguindo a piza ao fundor , ao mestre
 Da sciencia astronomica , empunhava
 O Telescopio do subtil Campani ;
 De Saturno os satellites descobre.
 Quasi todos, então ; busca as estrellas ,
 Que immortal Galilêo primeiro achára ,
 (Luas de Jove são ;) fanal aos nautas ;
 O espantoso fenomeno nos mostra
 Da luz Zodiãcal , co' a parallaxe
 Do sanguineo , medonho , accezo Marte .
 A distancia marcou do Sol á Terra ,
 Distancia que confunde a mente humana ,
 E que a luz n'hum momento abrange , e corre ;
 Sábio traçou Meridiana linha ,
 E por ella nos mostra o variante
 Moto veloz da Terra ao Sol em torno .
 Então mais claro no volume immenso ,
 Dos Ceos , já quasi aberto , os homens lêrão ,
 Foi-lhe sugeita a abobeda brilhante
 A radio mathemático , qual era
 Q mortal domicilio aos homens dado ;

Parallaxe annual d'altas estrellas,
 Que engastadas nos Ceos fixas se amostrão;
 Idéa falsa se aniquila, e foge,
 E a lei da aberração mostra a verdade.

Peregrinando pelos Ceos supremos
 Vão sabios indagar da Terra a fórma;
 Co' a sciencia astronomica se marca
 Da nossa habitação figura, e termo.
 Quasi se amostra a longitude ignóta
 Sobre inconstante mar, onde em cavado
 Pinho, avaro mortal circunda o Globo.

Incessante fadiga a luz derrama
 No arcano presentido, e ignóto ainda
 Da obliquidade do angulo, que hum pouco
 Em cem annos na Ecliptica decresce!
 Quasi deixão seu tom da Lyra as cordas
 Quando dest' arte nos umbraes me entranho.
 Da linguagem dos calculos, que he sombra,
 Que extrema immensamente, e que divide
 O frio Euclides do fervente Milton.
 Ah! de Ariosto aos extases divinos
 Calculador pausado em vão se ajusta:
 E avezado a correr no immenso Imperiõ
 Da Fantasia pródiga de Mundos,
 Que a seu sabor do Nada, ou cria, ou chama,

Nos confins do geometrico compasso ,
 Anciado me volvo , e aqui não posso ,
 Como nos cantos do encontrado Oriente ,
 Soltar hum vôo extatico aos abysmos ,
 Vêr o feroz Satan que as sombras rasga ,
 E espantado ao clarão dos Soes , dos Astros ,
 Quasi doer-se da revolta antiga ,
 Que em sempiternos carcerees o fecha ,
 Donde a furto sahindo , em pranto torna
 A ferrolhar-se em lóbrega morada.

Como indignado das prescriptas metas ,
 Achadas até alli no espaço immenso ,
 Herschel sobe mais alto , além das tardas
 Luas , que escoltão frigidõs Saturnos .
 Lá corre a suspender na marcha Urano ,
 Leva consigo Carolina , e ambos
 Revolução continua , e varia encontrão ,
 No luminoso annel que o Globo cinge ,
 Do nem remóto , ou ultimo Saturno ,
 Quando com elle hum Hercules comparo ,
 Que Olbers descobre , que a carreira immensa ,
 No gyro de dois seculos absolve .
 De mais perto se observa a argentea Lua ,
 Gelados montes tem , gelados mares ,
 E tem Vesuvios que vomitão chammas .

He cidadão , e morador he quasi
 Na Terra inda o mortal do ethereo assento.
 Desgraçado Bailly , fuma o teu sangue
 No cadafalso vil : tua alma agora,
 Já solta das prizões , lá vê nos astros.
 Se o grão discurso teu falhou no Mundo.
 Se a Terra , dizes tu , se outros Planetas
 Por centro de seu gyro o Sol conhecem,
 Talvez , que o nosso Sol , que os Soes , que fixos
 Parecem ser na abobeda azulada ,
 Tenhão centro commum n'hum Sol mais puro,
 Mais vasto , e luminoso , e que descrevão.
 Em roda d'elle , essa orçbita assombrosa ,
 Que mais remotos tem limite , e termo ,
 Que a fantasia fervida d'hum Vate !
 La-Lande a imaginou , La-Lande a sente ;
 Mas , foge , foge aos calculos , ás cifras.
 Virá talvez hum tempo ... ah ! se na Terra
 Não tiver duração Vandalò Imperio !
 Em que outros vidros , outros tubos mostrem ,
 Que foi verdade , e luz tão grande idéa !
 Depositada está no aureo volume ,
 Que sobranceiro ao cadafalso , ao sangue ,
 Não ferio com Bailly furor de Tigres ,
 Que ao Sena derão leis , e até na Europa ,

Que os ferros beija voluntaria escrava ;
Vileza , e corrupção , chegaste a tanto !

Não foi sem fructo , não , nem foi deleite
A sciencia Astronomica entre os homens !
Ah ! quanta , e quanta luz se deve a Newton !
Só são dignas de apreço as artes uteis.
Quão proficuo aos mortaes he Nauta ousado !
Se tu , Lysia , tens gloria , ao nauta o debes ,
Que abriu primeiro do Oriente as portas :
E teu nome immortal soou na Terra ,
Porque teu lenho undívago a cercára.
Nas Ilhas do Oceano , e mares todos ,
Dos Lusos se conserva o nome , e a fama.
Muito pôde o valor , pouco a sciencia
No seculo inda rude , alheio ás artes ,
Por que inda hum Newton não subira aos astros ,
Newton , sciencia , calculos , systemas
Só Magalhães não necessita ; basta
Que ao lado d'elle vão , vingança , e honra ;
Eis todo o Globo rodeado ; he esta
A façanha maior da especie humana.
Era extincto o fervor nos Lusos peitos
Depois que estranhas leis o Téjo ouvira ,
Do mar o senhorio então transfere
A's mãos Britannas o Senhor dos Mundos.

De Varennio a fadiga illustra hum Newton,
 Correm Bretões o mar, e o Globo cercão,
 Não levados do sordido, e terreno
 Insaciavel interesse de curo;
 Mas só por illustrar, dar mór grandeza
 A' esfera immensa das sciencias todas.
 Vai Cook, e vai Byron cercando o Globo
 Por inda não tentada, incerta via;
 Então suspendem generosa marcha
 Quando em gelado mar, gelada terra
 Da Natureza no decreto attentão,
 Que atraz lhes manda bracear as vélas;
 Que onde a Terra acabou, findar se deve
 O trabalho mortal, o amor da gloria.

O' nome Lusitano, ó Patria minha,
 Eu culpo o teu silencio, a huma virtude,
 Que se apraz de esconder-se, eu chamo inercia.
 Descreve Newton c'o compasso d'ouro
 O Globo que Varennio exposto havia;
 Foi Cook, e foi Byron, foi Bougainville,
 Qual Anson foi guerreiro, e os mares gyrão.
 Do Continente austral foge o fantasma,
 Que avarento Hollandez (nem hoje avaro;
 Nem já por crimes se conhece a Hollanda) (11).

(11) Resurgio a Hollanda depois da inesperada que-

Julgou grande porção do Globo , e sua.
 Assombrados do gelo atraz voltarão ,
 Mas nunca hum passo além c'o lenho óvante
 Da Terra forão que tocára hum Lusoz ;
 Magnanimo Queiroz , déste-lhe hum nome
 Para ti foi brazão , e he méta aos outros
 Do nebuloso Sul perscrutadores :
 E a gloria de buscar no Mundo hum Mundo ,
 Se ao pensativo Bátavo pertence ,
 E ao pertinaz navegador Britanno ,
 No Téjo as bases tem , no Téjo a fonte ;
 Mais além de Queiroz nenhum se avança.
 Foi entre tantos Magalhães primeiro ,
 Todos de hum centro os raios se derramão ,
 Que vem tocar d' hum circulo os extremos.
 Tal do centro de luz , que accende hum Newton
 Se derrama ao grão circulo das artes

da de Bonaparte , e restabelecido que seja o caractere Batavo da enfermidade revolucionaria que padecêra , tornará a ser na terra o que sempre fôra desde a época de seus magnanimos esforços contra o formidavel poder de Filippe II. : será huma Nação modelo de sobriedade , de economia , de opulencia , e da dignidade do homem em vão buscada pelos fanaticos Revolucionarios.

O perpetuo clarão com que hoje medrão:

Quanto a vetusta Fysica ignorava ,
 Sobre a essencia do ar se mostra aos olhos ;
 Piza-se a immensa fluida substancia ;
 E já senhor do mar n' hum curvo lenho
 Não lhe basta do Globo o Imperio inteiro ,
 Se o dominio o mortal não tem dos ares ;
 Lá sóbe , lá passéa , e vê seguro
 Debaixo de seus pés cruzando os raios.
 Do antigo Architas se escureça a Pomba ,
 Maior prodigio guarda a idade nossa.
 Eu vejo pelo ár volantes carros ,
 Quaes vão nas ondas os baixeis arfando ;
 E nelles os mortaes tranquilllos vejo
 Sem temer o despenho , e não lhes lembra ,
 Que afrontada dest' arte a Natureza ,
 Tire vingança da famosa injuria.
 Eu vejo o golpe , e a victima primeira
 Em Rosier intrepido , que sobe ;
 Elle o primeiro foi , mas prestes passa ,
 Do regaço da gloria ás mãos da morte.

Porém mais uteis os trabalhos vejo
 Dos sabios , que o caminho a Newton seguem ;
 Eis a fonte de ineognitos arcanos
 Aberta aos olhos dos mortaes abortos ;

Eis o electrico fluido pasmoso
 De phenomenos mil a causa ignóta;
 Do raio a patria se conhece, e teme,
 He das nuvens a electrica peleja.
 Se trôa, se rebrama o escuro Inferno
 Dentro do bojo de Vesuvio, e exhala
 O fumo que se expande, e o Ceo nos cuba,
 E traz ao dia de repente a noite,
 E aquella chamma, que entre estragos tantos,
 Chora o Mundo o maior, de Plinio a morte;
 Aqui descobre electricismo o Sabio.
 Sabios illustres, que mysterios tantos
 Descortinar, e conhecer podestes;
 Legislador Americano, os évos
 Teu nome guardarão; Nollet, teu nome
 Da sapiencia nos annaes gravado
 Eternamente vivirá; se as artes
 Barbaridade, que extermina tudo,
 Quizer poupar da aluvião de ultrages,
 Que ás leis, á Natureza, e aos Ceos tem feito.
 Da multi-forme Boreal Aurora
 Mairan, seguindo os calculos de Newton,
 Expoz a causa aos seculos ignota;
 Da atmosphéra solar porção tirada
 Por veloz rotaçãõ do terreo Globo,

Ao ar então se communica espesso,
 Que as tristes regiões do Polo abafa.
 Tu, de Bérgamo o tymbre, sabio illustre,
 Tu, Savióli, que na Lyra d'ouro
 Cantaste os dons de Eráto, os dons d'Urania,
 Do Volga, e do Boristhenes ás margens
 Foste observar de perto o accezo quadro
 Do Boreal Fenomeno, tu viste
 Nos gelos que c'os Ceos quasi confinão
 A reflexão dos luminosos raios,
 E tantos, taes listões formar nos ares,
 Que pelas vastas regiões das sombras,
 Ou da morte talvez, suprem hum dia.

Das Artes no progresso a gloria vejo
 Da indagadora Chimica, que tanto
 Da Europa pelos angulos se acclama
 (Com tanto ardor, que enthusiasmo he, certo!)
 Interprete fiel se diz da vasta,
 Té agora occulta Natureza toda.
 Já de antigos delirios despojada,
 Se ella analyza os simplices, não busca,
 Lisongeando sordida avareza,
 As pedras converter, (que insania!) em ouro!
 Té mãos Imperiaes viste, ô Florença,
 Depondo o sceptro, tactear cadinhos;

Tanto o prestigio de tal arte póde !
 Mas se delles a Purpura não foge ,
 Fogem por certo as Musas d'espantadas :
 Negá-se a Lyra a barbaros , e escuros
 Termos , que jurão sanguinosa guerra
 Do metro Luso á mágica harmonia.
 Morre-me a chamma , que me ferve n'alma ,
 Se hydrogenio , se azóte , ou se oxigenio ,
 Ousados vem barbarizar meus versos.
 Não te negão porém lugar , nem gloria ,
 Lavoisier illustre , que hum momento
 Inda pediste ao barbaro Tyranno ,
 Da vida , ai dor ! que despiedado córta ,
 Em que inda mais á Natureza abrisses ,
 Nunca de todo , o sanctuario , aberto !
 Mas hum Tigre quer sangue , e não sciencia ;
 Tu não choras a vida , a perda choras ,
 De huma verdade , que contigo em sombra
 Perpetuamente no sepulcro he posta.

Nem do Globo as reconditas entranhas
 Da vista ao sabio indagador se occultão ;
 Tal he o Imperio do brilhante facho ,
 Que Newton accendeu ! Henckel , Bomáre
 Então das minas pela tréva espessa
 Perdem da vista o Sol , da vista o dia ,

E á debil luz de pálida lanterna
 O profundo vão vêr Laboratorio,
 Em que os metaes prepara a Natureza :
 Dos homens os quiz pôr longe, e bem longe!
 Vio que do ferro só, não curvo arado,
 Mas liza espada fabricar devião,
 E do bronze os canhões, que o raio imitão,
 A tanta assolação chamando gloria.
 Mais o ouro escondeu no abysmo, e sombra;
 Devendo ser do mérito a corôa,
 Quasi sempre he do crime o premio, e causa.

Mas eu duros metaes deixo nas sombras:
 Distem pouco do Inferno, eu busco o quadro,
 Que em sua face a Natureza mostra.
 Estudo immenso, dos mortaes só digno,
 Perenne fonte das sciencias todas,
 Das mesmas Artes mãi que estende o Imperio
 Por quanto abraça o ar, a terra, os mares
 Desde o vasto Elefante, á vaga, e bella
 Borboleta gentil, que beija as flores:
 Da gigantesca, ou colossal Balêa
 Ao pequenino lucido testaceo,
 Que, igual ao grão de arêa, á vista foge:
 Desde o cedro soberbo, á relva humilde,
 Que os gados tózão, que tapiza os prados:

Estudo liberal , que a engenho humano
 Descobre vasto , interminavel campo ,
 Que o orgulho scientifico confunde
 Com tanto , vario , e differente objecto ,
 Que imperceptiveis relações conservão :
 Quaes anneis entre si ligados sempre ,
 Interminavel a cadêa formão ,
 Que prende , e tem principio em Ser Eterno.
 Tão vasto estudo , glorioso ; e bello ,
 Tanto mais se cultiva , e mais florece ,
 Quanto he menos pezada , e menos densa
 Nuvem , que assombra o social estado ,
 De Antiquario pedante , ou Vate inerte ,
 Vadio adorador d'alta belleza ,
 Cuja vida he desprezo , a morte he fome ;
 De hebdomadal efémera cãterva ,
 Que do nada surgio , e ao nada torna
 Depois que o povo , no momento d'ocio ,
 Escarneceo profeticas promessas.
 Estudo augusto , que propaga , e cresce
 Onde menos o estólido Forense ,
 E impertinente Puritano existe ,
 Rico de frases só ; de cousas pobre :
 Onde menos a enfática Impostura ,
 Precursora da morte , a morte apressa ;

E o Quinhentista, moedor, mysterios
 Nos parece mostrar, se mudo, e triste
 Pulverulento códice idolátra,
 Que he rico só de antiguidade, e traça.
 De insectos taes em ti não viste a praga,
 Dilatada Germania, ah! quando ao Mundo
 O grande author das mónadas off'rece
 A Prothogéa: nem Britannia a sente
 Quando Johnston, Derrham, e hum Lister dava:
 Nem com elles, Italia, então gemeste
 Quando dava a Botanica Zanoni;
 Quando hum Morgagni teu, quando hum Borelli,
 Nos penetraes da Natureza entravão,
 E quando Valisnéri a expunha toda,
 Já limpa, e livre de pedantes eras:
 Quando a tócha accendia Spalanzani,
 E arranca de seu seio altos arcanos,
 Quaes desde o grande Peripáto os evos,
 Nunca atélli descortinar poderão.
 Nem Gallia agora escrava em sangue, e ferros,
 (Qual de Piratas viz n'Africa Emporio,
 Que o mar Tirreno co' as Galés infesta;)
 Que de rapina, e violencia existe,
 De Novellistas opprimida estava
 Quando o grande Buffon n'hum quadro immenso

A Natureza á Natureza mostra.

Se a tempestade das Novellas surge ,
Se os Jornaes a si mesmo, e os homens matão ,
Se a militar , politica mania

Começa de deixar tão ermo o Globo ,

He pastor Daubenton , Sonnini expira

(Inda feliz que ao cadafalso escapa)

Do esquecimento , e da penuria em braços.

Da Natureza não prospéra o estudo ,

Nem se conhece hum Newton, se estes vermes.

Da sciencia os alcaçares maçulão :

Nunca do Téjo ás margens se aproximem ,

Terá throno a sciencia , as Artes preço :

Lusitania terá Buffons , e Plinios ;

E Vates , que , estudando a Natureza ,

Saibão dar justo emprego ao dom das Musas ;

Se tem tal nome , o ingenito talento ,

Que alta facundia a numeros sugeita ,

Que em grande tudo vê , que imagens falla ,

E que , a razão ligando á fantasia ,

Dá força , dá calor , dá vida a tudo.

Mas de tristeza hum véo me envolve , e fecha

Tudo o que palpo , e que diviso , he sombra !

Della vejo romper Fantasma horrendo ;

Ao rosto atroz , ás sanguinosas vestes

Eu conheci, (que dor!) Barbaridade!
 De Omar a ferrea Simitarra empunha,
 Na esquerda, e negra mão fulgura a tócha,
 E se me antolha já que hum vasto incendio
 Das Artes o deposito consume:
 Que já são pasto da estridente chamma
 Das Musas todas as vigalias doutas!
 Nem teu mesmo volume escapa, ó Newton...
 Oh perda! O' Albion, manda os teus raios
 Elles podem vedar barbaro incendio:
 Corre, e na Hespanha pulveriza os monstros,
 Que onde quer que do corpo a sombra espalhão.
 Turva-se o ar, se-esteriliza a terra,
 Da vida, e da sciencia amor expira.
 Em quanto além do Vistula rompendo
 D'honra, e valor o suffocado incendio,
 Desfecha o raio, que talvez da Europa
 De huma vez para sempre a injuria vingue.
 Então do cáhos recuando o Imperio,
 Hum dia assomará que traga ao Mundo
 A luz que a Grecia vio, quando na escola
 O Genio de Estagira absorta ouvia;
 Quando acceso Demosthenes da boca
 D'aurca eloquencia as ondas entornava,
 E além das nuvens Pindaro subia;

A luz já vista fulgurar em Roma
 Quando Augusto a seu lado assenta Horacio,
 Ou Tullio a dubia liberdade escóra :
 Qual seculos depois raiou mais clara
 Do Decimo Leão ao Imperio eximio,
 Quando o Segundo Julio ás Artes abre
 O Templo, que até alli fechara o Godo :
 A luz que a França mais ditosa vira
 Do tão Grande Luiz brilhar nos dias.
 Então dos Ceos descendo a Paz serena,
 Da porficua Oliveira ao lado os Louros
 Fará brotar, reverdecer, c'roar-se
 Com sua rama a magestosa frente (*)
 Do profundo Filosofo, e do Vate.

(*) Hoje gozamos felizmente do regresso da paz,
 e do restabelecimento do antigo Estado politico da
 Europa : porém conserva o Author nesta segunda
 Edição o quadro das cousas como se achava ao tem-
 po da composição do Poema.

FIM DO QUARTO, E ULTIMO CANTO.





